



# **Biblioteca da Assembleia da República**

## **DOSSIER DE IMPRENSA**

Revista de Imprensa  
05-06-2009

- 1 - Expresso, 05-06-2009, Presidente, respeito e verdade
- 2 - Expresso, 05-06-2009, Cavaco já reconhece que teve acções da SLN
- 3 - Expresso, 05-06-2009, BE dá filme a Constâncio
- 4 - Diário Económico, 05-06-2009, Tudo em aberto na prova das europeias
- 5 - Vida Económica, 05-06-2009, A desordem
- 6 - Vida Económica, 05-06-2009, BPP necessita de solução rápida por parte do Estado
- 7 - Vida Económica, 05-06-2009, "BPN é atractivo para quem quiser instalar-se ou alargar a rede"
- 8 - Jornal de Notícias, 05-06-2009, A liberdade deles...
- 9 - Jornal de Notícias, 05-06-2009, PS com ligeira vantagem
- 10 - Diário de Notícias, 05-06-2009, PS pode eleger nove deputados à frente do PSD que obtêm oito
- 11 - Jornal de Notícias, 05-06-2009, Teixeira dos Santos nega qualquer culpa no caso BPP
- 12 - Jornal de Notícias, 05-06-2009, Lendas e narrativas (II)
- 13 - Diário de Notícias, 05-06-2009, PS, PSD e SLN/BPN
- 14 - Diário de Notícias, 05-06-2009, A honra dos políticos
- 15 - Público, 05-06-2009, Depois de três fugas, clientes do BPP "apanharam" o ministro
- 16 - Público, 05-06-2009, Folclore da campanha concentrado na Baixa do Porto
- 17 - Público, 05-06-2009, Editorial - Aux votes citoyens! Are you sure?



Henrique Monteiro

hmonteiro@expresso.impresa.pt

## PRESIDENTE, RESPEITO E VERDADE

**Cavaco Silva, quatro dias depois de uma manchete do Expresso, afirmou que tudo o que publicámos já se sabia e que jamais omitiu factos. A verdade é que recusou sempre responder sobre esses factos**

tenho o maior respeito pelo Presidente da República. Não tenho qualquer problema em reconhecer os meus erros e os erros do jornal.

Já o fiz várias vezes, uma delas a propósito de uma notícia sobre Cavaco Silva.

Mas, sobre as acções que Cavaco Silva teve na SLN, não tenho quaisquer desculpas a pedir. Pelo contrário!

O Expresso publicou por três vezes que Cavaco Silva tinha sido accionista da SLN. Das duas primeiras, apenas sabíamos que ele tivera acções. Da última, a semana passada, já sabíamos a quantidade de acções que ele possuía, por quanto as comprara e por quanto as vendera. De todas as vezes demos conhecimento antecipado à Presidência da República dos factos que iam publicar. **Nunca tivemos resposta.**

No seguimento da nossa segunda notícia, a 23 de Novembro, um domingo, a Presidência emitiu um comunicado no qual jamais se referem acções da SLN e se afirma que Cavaco nunca exerceu funções no BPN, nunca foi remunerado pelo BPN e "nunca comprou ou vendeu nada ao BPN". Esta última frase, aliás, sendo verdadeira (as acções eram da SLN), permitiu o efeito desejado: a existência de interpretações segundo as quais o PR teria desmentido a notícia do Expresso.

Na última semana, conseguimos saber o número de acções e dos montantes de compra e venda. Publicámo-las, mas não sem antes ter dado conhecimento à Presidência e lhe ter pedido um comentário. Da Presidência remeteram-nos para o comunicado de 23 de Novembro, afirmando nada mais ter a dizer.

Conclusão, para além de todas as dúvidas: o Presidente jamais assumiu publicamente que foi accionista da SLN, sociedade que controla o BPN, numa altura em que Dias Loureiro era administrador e quando já havia — nomeadamente nos sectores da banca — sérias dúvidas sobre os métodos daquela sociedade.

Também quero deixar claro que as declarações públicas de rendimentos do PR não discriminam acções da SLN (nem teriam de o fazer).

Nada disto é ilegal ou irregular, nem nunca o afirmámos. Mas consideramos politicamente relevante e por isso o publicámos.

Pode o Presidente da República, com toda a respeitabilidade que conquistou, vencer a batalha da credibilidade sobre um órgão da Comunicação Social. Sobre tudo quando da Comunicação Social fazem parte tantos órgãos subservientes, dependentes e medrosos. Mas nada disso retira uma vírgula de verdade ao que escrevemos.

O Expresso nasceu com esta matriz de coragem, liberdade e independência. E honra-a!



**Acções** Cavaco Silva negou ter ocultado a detenção de acções da SLN. Mas nunca até agora o tinha confirmado, apesar de ter sido questionado três vezes pelo Expresso

# Cavaco já reconhece que teve acções da SLN

O Presidente da República (PR) quebrou, finalmente, o silêncio sobre a sua participação na Sociedade Lusa de Negócios (SLN), confirmando ter sido accionista desta empresa, que até Novembro de 2008 controlou o Banco Português de Negócios (BPN). Mas acabou por não explicar esse investimento, apesar de questionado três vezes pelo Expresso sobre os motivos que o levaram a investir e os preços a que comprou e vendeu as acções (a SLN nunca esteve cotada em Bolsa, pelo que a compra e venda tinha de passar por uma decisão do ex-presidente Oliveira Costa).

Cavaco Silva teve, como o Expresso noticiou na semana passada, 105.378 acções da SLN, que vendeu em 2003. Tinha comprado as acções em 2001 por €1 cada vendendo-as por €2,4, o que lhe permitiu obter mais-valias de €147.500. Todas estas informações foram previamente enviadas à Presidência, com pedido de comentário, mas a única resposta prestada foi a de que não havia mais nada a dizer além do que tinha sido comunicado em 23 de Novembro do ano passado.

Agora, Cavaco veio dizer: "Não é verdade que tenha tentado esconder que da minha carteira de títulos e da minha

mulher faziam parte há muitos anos, muito antes de eu ser Presidente da República, acções da SLN". Fê-lo na quarta-feira, numa declaração à margem da sessão de entrega de prémios da CO-TEC, em Lisboa. Nunca, porém, o Expresso referiu a existência de qualquer ocultação, tendo apenas solicitado esclarecimentos relativos a uma informação de que já dispunha — a de que o PR tinha sido accionista da SLN.

A reacção surgiu depois de, na sequência da notícia do Expresso, se ter questionado por que motivo Cavaco jamais referira o investimento em acções da SLN, nem nunca respondera às questões do Expresso sobre o assunto.

O BPN tem sido considerado ao longo dos anos como um banco muito próximo do núcleo cavaquista e o PR esteve sob escrutínio nos últimos tempos por não ter tomado uma posição quanto à presença de Dias Loureiro no Conselho de Estado, após se terem colocado dúvidas sobre a actuação deste na SLN.

Mas, ao contrário do que foi dado a entender, no comunicado de Novembro não havia qualquer referência a acções da SLN. Na altura, Cavaco apenas fez saber que nunca tinha exercido quaisquer funções no BPN nem em qualquer das suas empresas, nem tinha recebido qualquer remuneração destas entidades, assim como nunca tinha comprado ou vendido nada ao BPN ou às suas empresas.

## NO COMUNICADO DE NOVEMBRO DA PRESIDÊNCIA NÃO HAVIA REFERÊNCIAS A ACÇÕES DA SLN

Dizia também que ele e a mulher têm "a gestão das poupanças entregues a quatro bancos portugueses — incluindo o BPN, desde 2000 — conforme consta, discriminado em detalhe, na declaração de património e rendimentos entregue no Tribunal Constitucional, a qual pode ser consultada". O Expresso já tinha consultado essas declarações, mas apenas estão disponíveis as que dizem respeito aos anos em que Cavaco ocupou cargos políticos — pelo que não é possível consultar as de 2001 a 2003. A informação só estará disponível se o PR facultar o seu acesso.

Cavaco afirmou ainda que em Novembro emitiu "um comunicado dizendo onde podiam ser verificadas todas as aplicações feitas pelos bancos gestores, em acções do BCP, BPI, EDP, Jerónimo Martins, Brisa, Sonae, e também a aplicação que um banco fez em acções da SLN. De uma fonte que eu indico no meu comunicado consta mesmo o preço a que as acções da SLN foram compradas e o preço a que foram vendidas." Contudo, todas estas informações não são públicas. No comunicado pode ler-se que "as alienações de títulos efectuadas pelos gestores constam, nos termos da lei, e como pode ser verificado, das declarações de IRS". Mas estas declarações estão abrangidas pelo sigilo fiscal, pelo que o Expresso não tem acesso às mesmas.



## **BE dá filme a Constâncio**

O BE preparou para mostrar a Vítor Constâncio, segunda-feira no Parlamento, um filme que passa em retrospectiva as audições da comissão de inquérito ao BPN. No filme, os bloquistas escolheram os momentos mais significativos sobre as falhas de actuação do Banco de Portugal. O BE, como o CDS e o PCP, exige a demissão de Constâncio.

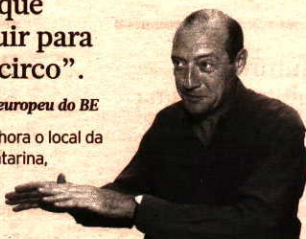


A FRASE DO DIA

“Alterámos a arruada porque era, obviamente, contribuir para o que poderia chamar de circo”.

— Miguel Portas, candidato europeu do BE

O Bloco de Esquerda alterou ontem à última hora o local da 'arruada' que iria realizar na Rua de Santa Catarina, no Porto, onde estavam PS, PSD e CDU, alegando não querer contribuir para "o circo".



# Tudo em aberto na prova das europeias

A Europa esteve fora da campanha europeia, onde os temas nacionais lideraram e aproximaram PS e PSD.

Márcia Gaiirão  
marcia.gaiirao@economico.pt

O primeiro teste do ano está a chegar ao fim e a pouco tempo de se corrigirem as provas ninguém arrisca qual será o candidato que terá a nota mais alta. Uma coisa parece certa, a antecipar pelas várias sondagens que foram sendo conhecidas, PS e PSD ficarão distanciados por poucos pontos e esse resultado mudará todos os cenários que têm sido desenhados para as legislativas: os socialistas ficam beliscados e a maioria torna-se uma utopia; os social-democratas ganham um novo ânimo. Embora escasso.

Após uma campanha que primou pela falta de debate sobre os temas europeus e se centrou na discussão dos problemas nacionais, a grande novidade para economistas e politólogos ouvidos pelo Diário Económico, acaba mesmo por ser o aproximar do PSD aos socialistas. A “fraca prestação de Vital Moreira”, como diz Eduardo Catroga, acaba por chocar com o “número da sorte de Manuela Ferreira Leite” que se chama Paulo Rangel, diz Rui Ramos. Há quem arrisque que os socialistas pensavam que iam ter que lutar com a esquerda e percebem agora que os pequenos partidos perderam gás nesta prova e o grande beneficiado pelo voto útil e de protesto acabou por ser o principal partido da oposição. Mas Marcelo Rebelo de Sousa não acredita que pudesse ser de outra forma. O professor acha mesmo que se as eleições “não forem um cartão amarelo ao PS, é muito má notícia para as oposições”.

E porque a 7 de Junho se joga mais do que os lugares de eurodeputados, a entrada no campo de batalha dos guerreiros-chefe dos vários partidos acabou por ser um factor comum. Daqui a três meses, Portugal joga uma partida mais importante: os eleitores vão decidir quem ficará à frente dos destinos do país nos próximos quatro anos e aí Sócrates, Ferreira



Eduardo Catroga  
Economista

“O grande debate das questões nacionais ficou adiado para as próximas eleições. Fiquei surpreendido nesta campanha pela fraca qualidade do debate e pela fraca prestação de Vital Moreira.”



Pedro Adão e Silva  
Político

“A campanha foi muito difícil e feita em esforço pelos diversos partidos. Com uma abstenção grande, a vitória vai depender de conseguir-se mobilizar o núcleo duro do eleitorado de cada partido, por isso, apareceram os líderes.”



Rui Ramos  
Político

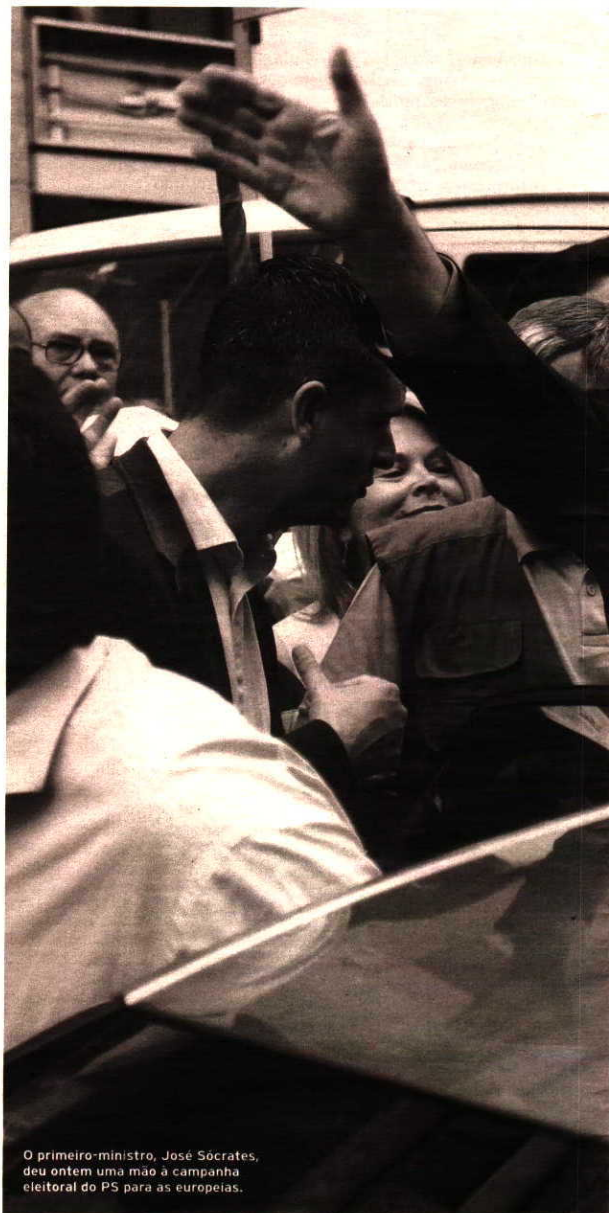
“O mais importante desta campanha foi a aproximação entre PS e PSD. O PS não estava à espera de Paulo Rangel e achou que só podia perder para a esquerda e nunca para a direita. A sua liderança não estava preparada para isto.”

Leite, Louçã, Jerónimo e Portas quiseram capitalizar ao máximo os apoios que se ganham na estrada e o mais cedo possível, não esperando pelo pós-europeias.

O debate acabou por se centrar em temas que fazem parte da agenda nacional: a supervisão bancária, o caso BPN ou o desemprego. Mas Eduardo Catroga acredita que “o grande debate das questões nacionais” ficou “adiado para as próximas eleições”. António Vitorino reconhece a tendência, mas acredita que “a crise ajudou a que os temas nacionais tenham sido dominantes”, embora daí não se possa “inferir que estejamos perante uma interpretação única das motivações dos eleitores”.

O aproximar entre os dois grandes irá ter, segundo os especialistas, efeitos muito concretos nos próximos meses: “O PS ficará beliscado, quanto mais não seja na sua moral e a ideia do líder imbatível, que acabou por se envolver muito na campanha, fica também beliscada”, diz André Freire. Por outro lado, avança o politólogo, “a dinâmica que se perde nas bases socialistas, ganhar-se-á no PSD e teremos mais elites a coadjuvar a líder”. Augusto Mateus acredita que estes resultados irão obrigar os dois partidos a serem “mais explícitos nas suas soluções para a governação”, porque cai por terra o argumento da maioria absoluta, com o marcador a partir de 7 de Junho a voltar praticamente ao zero. “Se o PS e PSD ficarem empatados é quase como começar de novo o processo que vai levar às eleições”, diz Pedro Adão e Silva.

A desmobilização do eleitorado, que se prevê primar novamente pela abstenção, acabou por ser ainda mais empolada, dizem os especialistas, pela pouca capacidade dos partidos de capitalizarem o descontentamento com a crise que envolve a população e centrarem-se em ataques recíprocos sobre temas que mais não fizeram do que seguir a agenda nacional. ■



O primeiro-ministro, José Sócrates, deu ontem uma mão à campanha eleitoral do PS para as europeias.

## Partidos combinara

António Freitas de Sousa  
antonio.sousa@economico.pt

A Baixa do Porto, no coração do casco velho, é o sítio certo para os candidatos (ao que quer que seja) organizarem manifestações de rua com o colorido ideal, barulho quanto baste e mediatização a condizer. PS, PSD, CDU e Bloco de Esquerda sabem-no bem, e por isso organizaram para aquele hectare ou pouco mais manifestações para

o mesmo dia, com início programado com minutos de intervalo. Temia-se o pior: era impossível que Paulo Rangel e Manuela Ferreira Leite não dessem de caras com Vital Moreira ao virar da esquina entre a Batalha e a Rua Formosa, depois de ‘tropeçarem’ no palanque da Rua Santa Catarina onde mais tarde estariam Jerónimo de Sousa e Ilda Figueiredo e antes de chegarem à Praça D. João I, onde estava o palco da festa do Bloco.



**AGENDA DO DIA**

- **PS Vital Moreira** andará por Lisboa e à noite encerra a campanha na FIL, com o apoio de Mário Soares, António Costa e José Sócrates.
- **PSD Paulo Rangel** visita Alqueirão-Mem Martins, passa a tarde no Chiado e à noite vai à Festa da Juventude, no Mercado da Ribeira, onde encerra a campanha.
- **PCP Ilda Figueiredo** contacta com a população em Lisboa e vai a Setúbal para o jantar de encerramento da campanha.
- **BE Miguel Portas** visita a Aliança Artesanal, contacta com população em Guimarães e encerra com um comício-festa em Braga.
- **CDS-PP Nuno Melo** almoça com empresários na AEP, faz uma arruada na Rua de Santa Catarina e encerra a campanha com um jantar em Gaia.



José Sena Goulão/Lusa

**OS 'TAKES' QUE FIZERAM O FILME DA CAMPANHA**

Milhares saíram à rua, uns para festejar o 1º de Maio, outros para protestar contra o Governo. Entre a multidão, Vital tenta cumprimentar o dirigente da CGTP, Carvalho da Silva, mas chovem insultos e o candidato do PS é agredido. Vital refere-se ao incidente como "animosidade contra um ex-militante do PCP". Os partidos à direita condenam o acto, o PCP rejeita responsabilidade.



Do lado socialista, Sócrates decidiu agarrar o protagonismo da campanha logo no primeiro minuto. Com dois comícios ibéricos (Valência e Coimbra), quem passou despercebido foi o candidato do PS. Em castelhano, o secretário-geral do PS declarou total apoio ao "grande líder europeu", Zapatero, que representa a visão "progressista e modernizadora" da Europa.



Ainda a campanha ia no adro, quando Rangel lançou a ideia de um programa de mobilidade para jovens à procura do primeiro emprego - Vasco da Gama. O presidente da Aicep entrou em cena para dizer que a ideia é cópia de outra já implementada: InovContacto. O episódio fica marcado pela frase do ministro da Economia: "Rangel tem de comer muita papa Maizena para chegar aos calcanhares de Basílio Horta".



"Porque não criar uma espécie de imposto sobre transacções financeiras", disse Vital Moreira à saída de uma sessão Instituto de Emprego e Formação Profissional de Chaves. Corria o segundo dia de campanha e a oposição não tardou a aproveitar a sugestão para despejar críticas sobre o candidato, que mais tarde veio lembrar que também o PSD já tinha apoiado esta medida.



A "roubalheira" no BPN tomou de assalto a campanha, logo após as acusações de Oliveira Costa a Dias Loureiro. O histórico social-democrata acabou por deixar o Conselho de Estado. A oposição não hesitou em usar o trunfo para atacar o PSD. Mas o feiticeiro virou-se contra o feiticeiro e o PS também foi apanhado nas críticas. Coube a Miguel Portas questionar a decisão de nacionalizar o BPN.



Já Rangel andava em campanha - empenhado em ficar à frente da oposição quanto mais não fosse no número de quilómetros percorridos - quando Ferreira Leite se lhe juntou. Os jornalistas perguntavam pela líder, mas só ao quarto dia de campanha ela respondeu dizendo que não precisava de "tomar conta" do candidato social-democrata, ao contrário de Sócrates, que precisa de "proteger" Vital Moreira.



**m não se encontrar no Porto**

Mas o pior não aconteceu: "Somos caravanas civilizadas; ontem à noite telefonámos às outras candidaturas para combinar não nos encontrarmos", disse ao Diário Económico Marco António, vice-presidente de Gaia. Bloqueadas as possíveis picardias, a caravana do PSD passou incólume pelo palanque da CDU, baixou os decibéis junto do palco do BE - possivelmente para ouvir melhor 'Cuidado Casimiro', de Sérgio Godi-

**José Pedro Aguiar Branco, ex-ministro da Justiça, normalmente, muito contido, era o mais animado da caravana.**

nho - e até ao final da tarde não avistou no horizonte Vital Moreira, a quem Rangel prometia vigorosa oposição aos transeuntes que o abordavam. Sorridente, Rangel distribuía sorrisos, apertos de mão e mesmo beijos - estes quase todos reservados às jovens que José Pedro Aguiar Branco teimava em encaminhar-lhe. O antigo ministro da Justiça era claramente o mais entusiasmado de todos, mesmo comparado com os 'jotas'. ■



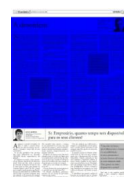
ID: 25406679

05-06-2009

# Campanha para a Europa chega ao fim com resultados em aberto

O que marcou a campanha eleitoral.





# A desordem

A. MAGALHÃES  
PINTO

Economista

maggpinto@netcabo.pt  
http://poliscopio.blogspot.com



Não metas o bedelho onde não és chamado, dizia constantemente o meu pai, naquela sabedoria de transmontano duro e prudente que era. E eu tenho passado a vida a fazer o contrário. Se o meu pai ainda andasse por aí, estaria neste momento a abanar incredulamente a cabeça e a deixar escapar, entre dentes, um comentário desiludido: este meu filho não tem cura. Mas é superior à minha vontade. Uma exigência de rigor e coerência que procuro impor a mim próprio e que, por isso, também exijo dos outros. Mesmo em áreas onde o meu rigor é de principiante e a minha exigência não passa do b-a-ba.

Sei que não é fácil liderar os outros. Excluo a liderança forçada, naturalmente. A liderança não é um pó que possamos comprar na drogaria para usar segundo as conveniências. Daí que os líderes devam ser escolhidos com critério, depois de uma profunda análise sobre as características dos candidatos a líder. Em democracia, os líderes não são impostos, são escolhidos. De onde resulta uma consequência devastadora. A culpa de termos um mau líder, seja onde for, pertence-nos exclusivamente. E, como a democracia impõe o respeito pelas escolhas, outra consequência negativa surge. O pior da escolha de um mau líder nem sequer é a escolha, é o dever de aguentar com ele durante todo o mandato para que o escolhamos. Salvo a prática de crimes, não há saída. É aguentar e cara alegre.

As ideias que, hoje, para aqui arrumo surgiram-me, de um modo sereno, enquanto assistia ao último “Prós e Contras”, no qual vi uma classe profissional – os advogados – darem um retrato fiel do que vai sendo o país neste momento. Uma imensa desordem, na qual ficou evidente que a classe está profunda e, talvez, irremediavelmente dividida. Não sou um grande admirador de Marinho Pinto, o Bastonário da classe. Fala muito por me-

táforas, quase sempre não concretizadas no particular, o que vai muito contra o meu gosto. Nem conheço suficientemente bem os meandros dessa actividade profissional, para poder avaliar da sua razão. Mas há dois ou três factos que fazem pensar a minha opinião em seu favor:

- tem a legitimidade da eleição;
- ninguém o acusa de qualquer ilegalidade;
- está a procurar cumprir o programa com o qual foi eleito;
- algumas das suas acusações à organização da classe nós temo-las por verdadeiras.

Tanto deveria bastar para que o deixassem tranquilamente cumprir o mandato até ao fim. Naturalmente, criticando-o por todas as medidas julgadas perniciosas. Mas deixando-o prosseguir. Exigir a sua demissão, de mais a mais com a veemência com que alguns dos seus adversários o fazem, é uma vergonha para quem devia estar na primeira linha da defesa dos direitos democráticos, precisamente os advogados. E fica ainda no ar um sinal mais preocupante. É que parece haver urgência em afastar um Bastonário que tem como uma das grandes bandeiras da sua actuação, precisamente, combater os interesses instalados.

Todavia, a desordem na Ordem não é sinal único. Todos os dias, encontramos motivos para reduzir a nossa confiança nas instituições do país. É muito grave, esta situação. Muito mais grave do que a crise económica e financeira que nos assola. Esta é que é a verdadeira ameaça à existência da nossa Pátria. Olhemos à volta.

Há pouco tempo, vimos a Ordem dos Farmacêuticos ao barulho com o Governo, por causa dos genéricos. Parecia uma luta adequada e justa. Pareciam estar ao lado dos doentes, dos velhos, dos pobres. Até que surgiu à luz do dia a verdadeira motivação por detrás do comportamento dos farmacêuticos. Afinal, e enquanto

produtores de genéricos, tinham interesses económicos a moldar da sua atitude. Deixei de acreditar na Ordem dos Farmacêuticos.

A crise financeira trouxe à superfície o comportamento de alguns bancos, a roçar a desonestidade. Até então, nós acreditávamos que os bancos eram as entidades mais sérias do planeta. Tanto, que lhes confiávamos a guarda do nosso dinheiro. Foi tudo por água abaixo. A confiança nos bancos nunca mais será a mesma. Continuaremos a deixar ali o nosso dinheiro, à falta de melhor guardador. Mas estaremos sempre com um pé atrás. É o pior ainda não foi isso, na vertente que aqui analiso hoje. O pior foi haver uma instituição pública que, no estrito quadro legal, se constituía como avalista da

actuação dos bancos. A instituição reguladora da actividade, o Banco de Portugal. Sabemos, hoje, que não cumpriu competentemente as suas funções. Não importa, ao cidadão comum, saber as razões de tal. Pouco pessoal? Comportamento malévolo, relativamente ao supervisor, por parte dos bancos? Quero lá saber! O relevante, neste caso, não é o “porquê”. É o “quê”. E crescem agora revelações, desastrosas para a confiança, da ligeireza com que decisões importantíssimas para os cidadãos são tomadas, como o caso da nacionalização do BPN. A ligeireza com que o Banco de Portugal aconselhou a nacionalização do banco, praticamente sem calcular todas as consequências, deixa a insuportável suspeição de que o supervisor estava interessado no menor ruído possível, para esconder as suas próprias insuficiências. O Banco de Portugal – a cúpula do sistema financeiro sem o qual não vivemos – não merece um chavo de confiança. É uma desordem.

Depois de apreciarmos o que se passa com os advogados, talvez não seja de estranhar o que se passa com a Justiça. Não porque a culpa seja exclusivamente sua. Mas porque é um indicador iniludível.

Lenta, tantas vezes injusta, perdida no emaranhado de procedimentos processuais que apenas beneficiam os infratores, a Justiça é, hoje, porventura, uma das instituições nacionais mais afectadas. Com “orgulho”, o Governo anuncia que, no ano passado, entraram menos processos na Justiça do que aqueles que foram encerrados. Uma ou duas dezenas de milhares, a diferença. Na sombra fica o milhão e meio de processos à espera de decisão.

É preciso ter uma falta de perspectiva impressionante para ficar contente com a redução de processos. É fácil fazer as contas. A tal ritmo, daqui por cem anos teremos as contas em dia na Justiça. Não acredito nela. É outra desordem.

O Governo segue o seu caminho. Governará, tal como deve e apesar de tudo quanto se passou neste mandato, até final do dito. José Sócrates é o Marinho Pinto da nação. Mas os factos que vieram a público sobre o seu líder, ao longo do mandato, deixam ficar na alma um travo insuportável. Tudo quanto o Primeiro-Ministro teve para nos dizer, face às gravíssimas suspeições que o atingiram e que estão longe de ser esclarecidas, foi que “esperava que as acusações fossem rapidamente esclarecidas”. Rapidamente? Cem anos? Ridículo. Principalmente ele, que tem o dever de estar mais bem informado do que nós, deveria saber que, na Justiça portuguesa, nada é rápido. E que é essa falta de rapidez o principal aliado dos prevaricadores. Veja-se a Casa Pia. Está quase esquecida. Veja-se o BCP. Está quase esquecido. Veja-se a imensidão de inquéritos ordenados e não concluídos. O governo é uma desordem.

No final, não perdendo de vista que só falámos de três ou quatro instituições, o que fica de tudo isto? Uma falta de confiança generalizada nas nossas instituições. E o desalento de pensar que, assim, não vamos lá das pernas. Nem dos braços. Nem da cabeça. Nem da alma.

“O pior da escolha de um mau líder é o dever de aguentar com ele durante todo o mandato para que o escolhamos”

“Todos os dias, encontramos motivos para reduzir a nossa confiança nas instituições do país”



# BPP necessita de solução rápida por parte do Estado

O Estado tem a obrigação de resolver rapidamente a situação do BPP. Uma solução possível seria a compra dos títulos considerados de retorno absoluto. Esta a posição assumida pelo presidente do BPI, Fernando Ulrich, durante uma conferência promovida pela Associação Portuguesa de Bancos (APB).

Como é habitual neste banqueiro, não poupou críticas ao Estado, considerando que a sua intervenção é urgente em todo este processo. Na sua óptica, "ou o Estado compra a valor de mercado e entrega a diferença quando for reembolsado ou compra de imediato pelo valor nominal e espera". Para Fernando Ulrich, esta até não é uma situação assim

tão difícil de resolver. Se o Estado não agir, então a tendência é para as coisas se agravarem ainda mais. Ora, parece evidente que, neste momento, apenas o Estado tem capacidade para esperar pela maturidade dos títulos.

Também deixou claro que, como as coisas estão, não há quem esteja minimamente interessado em ficar com o BPN. Uma eventual aquisição por parte do BPI só é admissível se se verificasse um processo de reestruturação. E mesmo então muito dependeria da forma como fosse conduzido o processo de venda. Para já, avisa que o Estado corre sérios riscos de sofrer avultados prejuízos com a entidade bancária. Importa ter



*Fernando Ulrich, presidente do BPI.*

em conta que, no exercício passado, os prejuízos do banco que foi liderado por Oliveira e Costa ascenderam a cerca de 575 milhões de euros. A sua recuperação é muito difícil.



# “BPN é atractivo para quem quiser instalar-se ou alargar a rede”

A administração do BPN liderada por Francisco Bandeira está em condições de apresentar ao ministro das Finanças, durante a próxima semana, um novo estudo sobre a situação económico-financeira do banco nacionalizado.

Em conferência de imprensa e à margem da apresentação de contas de 2008, o CEO do banco disse “já lhe terem sido sinalizados vários interesses”, ou seja, há entidades que, dentro de determinadas condições, mostraram vontade de vir a adquirir a instituição financeira. O Montepio já veio publicamente mostrar esse interesse, mas no mercado especula-se com outras instituições financeiras. Bandeira disse que a própria Caixa poderia hoje vir a apresentar uma proposta e não deixaria que o banco fosse vendido a qualquer preço.

Francisco Bandeira disse ainda que o BPN “é atractivo para quem queira instalar-se ou alargar a rede” e depois acrescentou que tem havido interesses nacionais e internacionais, e garantiu que, caso o Estado, que é o único accionista, decida vender, esta operação será perfeitamente transparente.

O banco revelou uma situação patrimonial negativa em 2008 da ordem dos 1642 milhões de euros e um prejuízo de 575,5 milhões de euros. A Caixa, afirmou o mesmo gestor, não perderá um cêntimo com a operação, já que está a apenas a gerir e todas as linhas de financiamento têm a garantia do Estado. Este, por seu lado, caso decida vender, poderá ter prejuízo se houver uma diferença entre o que receber e o que injectou. O presidente do BPN, e administrador da CGD, disse que tudo será feito para minimizar esse valor (eventual prejuízo). Frisou que “o valor a sofrer será um custo menor face (ao cenário) de uma falência para o sistema”.

Ainda sobre o interesse da Caixa, esta entidade avançará para a aquisição do BPN num cenário de inexistência de interessados credíveis, o que não é o caso. Francisco Bandeira disse que o facto de 80% da sua rede coincidir com a do BPN retira valor para o banco público, o que significa que num cenário



de venda, este activo valerá mais para uma entidade com pouca rede.

## Tesouraria daria para um aeroporto

Os apoios de tesouraria da CGD ao BPN totalizavam, no final de Maio, 2555 milhões de euros, o equivalente a um novo aeroporto de Lisboa.

Norberto Rosa, o vice-presidente do BPN e administrador da CGD, calendarizou os apoios. Revelou que, à data da nacionalização, a CGD tinha contratada uma linha de 235 milhões de euros com o BPN e que nos dias seguintes subiu para 315 milhões de euros,

para no final de 2008 atingir os 1455 milhões, tendo subido, nos primeiros cinco meses do ano, 1100 milhões de euros. Estes apoios estão titularizados por Papel Comercial no valor de dois mil milhões de euros e o resto tem origem no Mercado Monetário Interbancário. Norberto Rosa disse que em Maio que não houve praticamente necessidade de financiamento. Disse: “A segunda derivada é progressivamente menor e próximo da normalização”.

A necessidade deste volume de fundos foi explicado, ainda pelo mesmo gestor, pela perda de 1,6 mil milhões de euros em depósitos de clientes, a par de

uma perda ou não refinanciamento de 440 milhões de euros por parte de outros bancos e, por último, as necessidades de tesouraria foram ainda necessárias para o apoio a fundos de investimento imobiliário.

Francisco Bandeira, questionado sobre o valor necessário para a reposição da situação líquida, falou num montante entre dois mil milhões e 2,1 mil milhões de euros. Com este valor o banco poderia mesmo atingir um rácio tier I de 8%, o mínimo recomendado pelo banco central.

O gestor disse ainda que o antigo accionista do banco, a SLN, tem feito um esforço de convergência e de aproximação à actual administração, com o objectivo de regular todas as situações de crédito. Sobre assuntos como a alteração do nome, Bandeira respondeu que esse é um trabalho que dependerá daquilo que o accionista Estado queira para o banco e, caso a opção seja a venda, dependerá da visão dos futuros accionistas.

Durante a gestão de Francisco Bandeira foi possível crescer, em 25 mil o número líquido de clientes, situando-os actualmente nos 285 mil. Aumentou 30% a vinculação, 50% os cartões de crédito e 20% os cartões de débito.

No início da apresentação de resultados, Norberto Rosa disse que a situação patrimonial negativa “resultou de um comportamento que vinha desde o início da sua constituição”. Esta situação obrigou a reexpressar as contas anteriormente aprovadas pelo BPN, substituindo balanços. Assim sendo, os capitais próprios pró-forma no final de 2007 foram negativos em 1194 milhões de euros e, embora naquele exercício os capitais próprios se situassem nos 407,9 milhões de euros, verificaram-se 1330 milhões de euros de insuficiências de provisões a nível do crédito. O resultado naquele ano passou a ser negativo de 295,8 milhões de euros. Nesta reexpressão teve impacto a questão do Banco Insular. O BPN, disse o gestor, tomou todos os créditos assumidos por aquela instituição de Cabo Verde, “caso contrário, se houvesse uma liquidação, o BPN não veria nada”.

## CONTAS DE 2008

O resultado consolidado de 2008 situou-se nos 575,2 milhões de euros negativos, influenciado pela queda de 70% no produto da actividade, que se situou nos 90,7 milhões de euros. A margem financeira caiu para 108,9 milhões de euros, menos 39,8% em termos homólogos. Os resultados em operações financeiras situaram-se nos 105,9 milhões de euros e as comissões líquidas caíram 6,4% em termos homólogos, para 40,4 milhões de euros.

Os gastos com pessoal subiram 29%, situação que Norberto Rosa explicou com alguns contratos e pagamentos “atípicos” e que foi necessário enquadrar correctamente. Os custos operacionais subiram 14% e o rácio de eficiência degradou-se de 80,5% para 304,1%.

Em termos de balanço, o BPN viu o activo cair 11% em 2008 face ao exercício anterior, enquanto passivo e capitais próprios aumentou 145%.

O crédito total aumentou 18%, para 6751,7 milhões de euros, e a imparidade acumulada aumentou 47%, para 1473,3 milhões de euros.



# A liberdade deles....

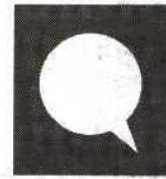


**MÁRIO CONTUMÉLIAS**  
DOCENTE UNIVERSITÁRIO

A democracia portuguesa está mal. O sistema partidário, como um todo, fenece. Quando os partidos representados na Assembleia da República não são capazes do consenso necessário para eleger o Provedor de Justiça e obrigam Nascimento Rodrigues a manter-se no cargo, contra a sua vontade e o seu estado de saúde, quase um ano transcrito após a cessação do seu mandato, uma coisa fica clara – estes partidos não servem a Nação. Estes partidos não defendem o interesse nacional. Estes partidos não se preocupam com o povo. Pelo contrário, ocupam-se, isso sim, nos seus jogos de poder, em mesquinhas disputas, características da baixa política. Basta ver a forma como o prof. dr. Vital Moreira, a quem se exige seriedade académica, honestidade intelectual, rigor científico, dispara a torto e a direito e ataca, chinelos no pé, o PSD, afirmando que “todos aqueles senhores” que, no BPN, utilizaram “a economia para efeitos puramente criminosos” são, “certamente por acaso e só por acaso, figuras gradadas do PSD”; e, por isso, intima o dito a pronunciar-se “sobre a roubalheira do BPN”. O rigor do constitucionalista perdeu-se, descidas as escadarias da Universidade de Coimbra, na pressa de apanhar o avião para Bruxelas. E nem se lembra, o candidato Vital, que quem tem Freeports de vidro devia ser mais comedido nas bojardas. Triste do povo a quem propõem tais tribunais.

Mais triste, ainda, o povo a quem, um outro senador, também do PS, quer obrigar a votar porque a democracia (deles) “precisa de mais (...) participação eleitoral para ser uma democracia útil, genuína e sólida”. Eis uma reveladora falácia. Temente da falta de representatividade dos que não sabem ou não querem servir o povo, César propõe-se penalizar “em termos fiscais ou em termos de benefícios ou acesso a serviços públicos” os cidadãos que não votem, e não apresentem “uma justificação adequada”. Chocante. Persecutório. Assustador. Claro que tudo isto faz sentido num país em que o primeiro-ministro perde tempo a processar jornalistas, enquanto na Entidade Reguladora para a Comunicação Social há quem defenda uma “reprovação clara e substantiva” da forma como Manuela Moura Guedes apresenta o jornal nacional da TVI dada a sua “linguagem gestual e facial (...) que inclui trejeitos, risos irónicos, e outras formas de expressão não verbais” e assim “atenta contra o rigor da informação”.

Talvez todos estes atentados à saúde da democracia nos fossem mais leves se a canção dos Xutos, “Sem eira nem beira”, passasse na Rádio. Mas não passa. Claro que o facto da cantiga se ter transformado numa espécie de bandeira anti-Sócrates não é para aqui chamado. Ainda bem que vivemos em liberdade.



## Opinião



PRIMEIRO PLANO

ELEIÇÕES EUROPEIAS



Esperança Portugal com estreia auspiciosa

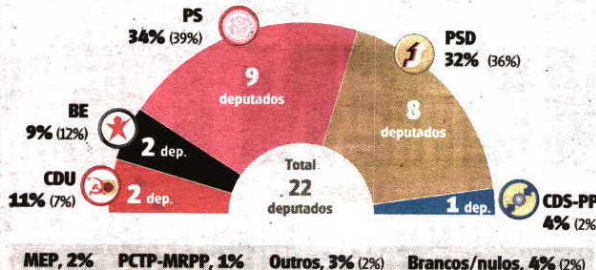
O Movimento Esperança Portugal, que disputa eleições pela primeira vez, é a grande surpresa da sondagem. A candidatura de Laurinda Alves alcança 2% das intenções de voto. Muito bom para estreia.



Intenção de voto nas eleições europeias

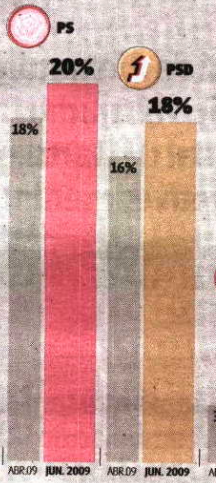
ESTIMATIVA DE RESULTADOS ELEITORAIS\*

(entre parêntesis, os resultados obtidos na sondagem realizada em Abril de 2009)

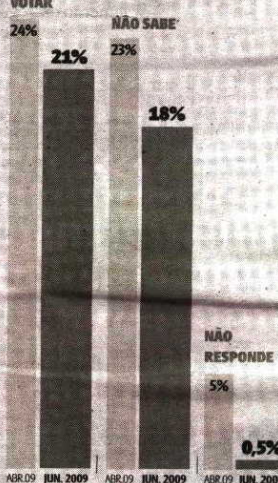


\* Obtida calculando a percentagem das intenções directas de voto em cada partido em relação ao total de votos válidos (excluindo abstenção e não respostas) e redistribuindo indecisos proporcionalmente pelas opções válidas. São apenas consideradas intenções de voto de inquiridos que dizem ter a certeza que vão votar (N=1584). Estas estimativas têm valor meramente indicativo, dado que diferentes pressupostos poderão gerar resultados diferentes.

INTENÇÃO DIRECTA DE VOTO: RESULTADOS BRUTOS



NÃO TENCIONA VOTAR



NÃO SABE



BRANCOS/NULOS



NÃO RESPONDE



Ficha Técnica

Esta sondagem foi realizada pelo Centro de Sondagens e Estudos de Opinião da Universidade Católica (CESOP) para a Antena 1, a RTP, o Jornal de Notícias e o Diário de Notícias entre os dias 30 de Maio e 2 de Junho de 2009. O universo alvo é composto pelos indivíduos com 18 ou mais anos recenseados eleitoralmente e residentes em Portugal Continental. Foram seleccionadas aleatoriamente 39 freguesias do país, tendo em conta a distribuição da população recenseada eleitoralmente por regiões NUT II (2001) e por freguesias com menos de 3200 recenseados, entre 3200 e 11 000 e mais de 11 000 recenseados. A selecção aleatória das freguesias foi sistematicamente repetida até que os resultados eleitorais das eleições europeias de 2004 e legislativas de 2005 nessas freguesias estivessem a menos de 1% dos resultados nacionais dos cinco maiores partidos, ponderado o número de inquiridos a realizar em cada freguesia. Os domicílios em cada freguesia foram seleccionados por caminho aleatório e foi inquirido em cada domicílio o mais recente aniversariante recenseado eleitoralmente. As intenções de voto foram recolhidas através de simulação de voto em urna. Foram obtidos 3375 inquiridos válidos, sendo que 55% dos inquiridos eram do sexo feminino, 44% na região Norte, 12% no Centro, 32% em Lisboa e Vale do Tejo, 6% no Alentejo e 4% no Algarve. Todos os resultados obtidos foram depois ponderados de acordo com a distribuição da população com 18 ou mais anos residente no Continente por sexo (2007), escalões etários (2007) e qualificação académica (2001), na base dos dados do INE, e por região e habitat na base dos dados do recenseamento eleitoral. A taxa de cooperação foi de 83%. A margem de erro máximo associado a uma amostra aleatória de 3375 inquiridos é de 1,7%, com um nível de confiança de 95%.

Fonte: CESOP - Infografia JN

# PS com ligeira vantagem

**Sondagem** Ombro a ombro com o PSD deixa tudo em aberto até domingo. CDU dá um pulo e ultrapassa o Bloco de Esquerda. Contexto de pulverização deita por terra a teoria do voto útil

PAULO MARTINS  
pmartins@jn.pt

A duas disputas "privadas" se assistirá nas eleições de domingo: pela vitória, entre socialistas e sociais-democratas; pelo "pódio", entre comunistas e bloquistas. Por ora, como se diz no desporto, o marcador só regista empates.

De acordo com a sondagem realizada pela Universidade Católica para o JN, o DN, a RTP e a Antena 1, Vital Moreira e Paulo Rangel vão lutar taco-a-taco pela vitória. Aparentemente, as campanhas do PS e do PSD surtiram um efeito contrário ao desejado. Ambos perderam implantação eleitoral, fenómeno que, ao pro-

duzir um cenário de pulverização, deita por terra a teoria do voto útil.

Como os socialistas sofreram um rombo maior, reduziu-se a distância entre as duas candidaturas, por comparação com o estudo realizado em finais de Abril. O PS não pode cantar vitória, porque o desfecho é uma incógnita.

Para onde se deslocaram os 9% de eleitores que viraram as costas aos partidos centrais é a pergunta que se impõe. Uma parte dos que estavam dispostos a votar no PS será hoje mais sensível à mensagem comunista - a CDU regista a mais acentuada subida, posicionando-se como terceira força.

O movimento para a Esquerda,

porém, não explica tudo. É ao apoio dispensado a partidos sem representação (PE) que deve imputar-se a outra parcela da erosão eleitoral

**Tripluca o apoio eleitoral dispensado a partidos sem representação no Parlamento Europeu**

do PS - e também do PSD, supondo-se que a subida do CDS se faz à sua custa.

No último estudo de opinião, o conjunto dos pequenos partidos (remetidos para a categoria de

"outros") não passava dos 2%. As intenções de voto neste grupo triplicaram, sendo de assinalar os surpreendentes dois pontos percentuais atribuídos ao novo Movimento Esperança Portugal, cuja lista é liderada pela jornalista Laurinda Alves. Assinale-se, ainda, o facto de duplicar a percentagem de votos brancos ou nulos, que por natureza exprime protesto.

**Esquerda mais robusta**

A recuperação da CDU, que sobe de 7 para 11%, permite-lhe ultrapassar o Bloco de Esquerda. Os dois partidos poderão, nestas condições, atingir uma votação bem acima da registada em 2004 - mais dois pontos, no caso dos co-

munistas, mais quatro, no dos bloquistas. Cada um tem possibilidade de obter dois mandatos, apesar de Portugal reduzir, na mesma proporção, a sua "equipa" no PE. O MRPP, ao manter 1% das intenções de voto, está longe de garantir um eleito. Mas contribui para o robustecimento dos partidos à esquerda do PS, que recolhem 21% das intenções de voto.

O CDS/PP, que há cinco anos concorreu coligado com o PSD, chega aos 4%. Não sai muito mal do filme, na medida em que duplica o score, em relação à última sondagem. Nuno Melo deve ter a sua própria eleição assegurada, mas só uma surpresa pode proporcionar-lhe companhia. ■



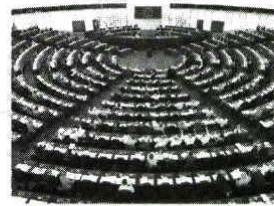
**Último debate na Antena 1 e RTP-N**

Hoje, pelas 10h00 os cabeças-de-lista dos cinco principais partidos vão participar num debate na Antena 1 que será moderado por Maria Flor Pedrosa. A RTP-N transmitirá em diferido às 21h00.



**Polítólogos prevêem vitória do PPE**

O sítio da Internet "Predict09eu", desenvolvido por três conceituados politólogos, antecipa uma nova vitória do Partido Popular Europeu (PPE), tornando muito provável a recondução de Durão Barroso na CE.



**206 mil emigrantes iniciam votação hoje**

Pouco mais de 200 mil emigrantes portugueses começam hoje a votar para o PE nos consulados, um escrutínio em que participam pela primeira vez os residentes fora da Europa.

CAMPANHA

**Tempos de antena custam três milhões**

➔ O valor a pagar pelo Estado às estações de televisão e rádio nacionais e regionais pelos tempos de antena da campanha eleitoral das europeias ficará perto dos três milhões - 2.863.624, 80 euros (dados fornecidos pela Direcção-Geral da Administração Eleitoral).

Trata-se de um valor que representa uma "contenção de algumas despesas", segundo admitiu ao JN o secretário de Estado Adjunto e da Administração Interna, José Magalhães.

Assim, e no que diz respeito às televisões, os custos situam-se nos 2.152.090. Já no que toca às rádios nacionais 63.663,83 e às rádios regionais 75.796, 50 euros.

Comparativamente, nas eleições para o Parlamento Europeu de 2004 os gastos foram um pouco mais elevados, ultrapassando os três milhões - 3.753.206 euros.

Os partidos envolveram-se recentemente em polémica por cau-

sa dos gastos com as campanhas eleitorais. O Bloco de Esquerda criticou o aumento dos gastos sublinhou a contenção de valores para a actual campanha.

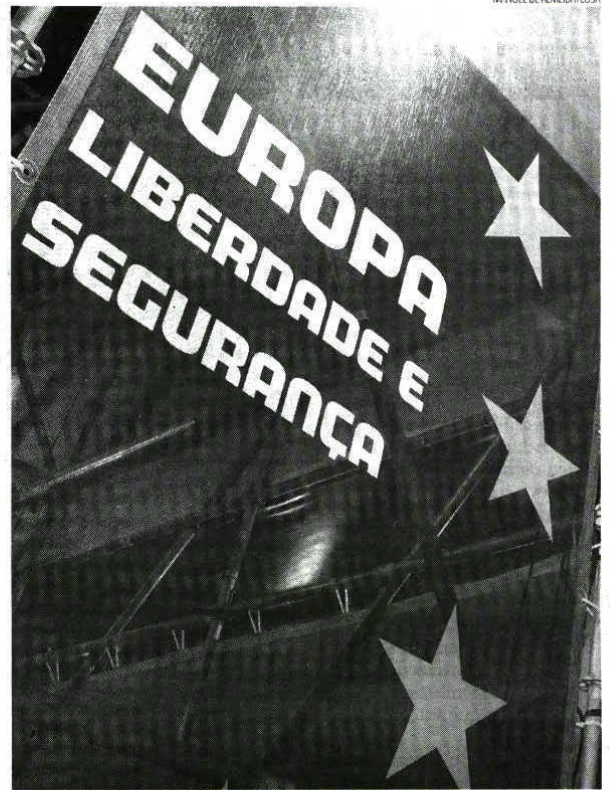
Segundo o orçamento entregue no Tribunal Constitucional, o partido previu gastar 725 mil euros, com a maior fatia - 476 mil euros - a ser canalizada para a promoção, comunicação impressa e digital. Os orçamentos entregues no Tribunal Constitucional pelos restantes partidos com assento parlamentar, são

também contidos. O PSD é o partido que previu gastar mais com a campanha, com um orçamento de 2,2 milhões de euros. O PS previu gastar 1.520.000, o PCP 1.200.000 e o CDS-PP 477.120 Euros.

**Fac-símiles em braille**

O Ministério da Administração Interna (MAI) esclareceu ontem que nas eleições europeias de domingo haverá, pela primeira vez, "fac-símiles" de boletins de voto em Braille (e não boletins em braille), que serão distribuídos pelas várias assembleias de voto. O gabinete do secretário de Estado Adjunto e da Administração Interna, José Magalhães, referiu recentemente que, em colaboração com a Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal (ACAPO), foram produzidos, pela primeira vez, "fac-símiles [reproduções] de boletins de voto em braille que serão distribuídos pelas várias assembleias de voto". LTM.

**2,1 milhões de euros para RTP, SIC e TVI**



OPS é o partido que previu gastar mais nestas europeias

**POLÍTÓLOGOS ANALISAM O MELHOR E O PIOR DA CAMPANHA ELEITORAL**

**António Costa Pinto**



**Nada**

"É difícil, não vi nada de muito interessante nesta campanha eleitoral, nem do ponto de vista da mobilização dos cidadãos, dos argumentos, de técnicas novas de campanha eleitoral. Não vi nada de melhor."



**Pouca Europa e Portugal**

"O pior desta campanha eleitoral foi o facto de não ter sido nem sobre a Europa, nem sobre Portugal. Ou seja, dada a conjuntura, era natural que as eleições fossem mais sobre Portugal, sobre as respostas à crise política e económica, mas nem isso se verificou."

**Rui Ramos**



**Animação**

"Esta campanha eleitoral para as europeias foi viva e animada, especialmente, entre o cabeça-de-lista do PS, Vital Moreira, e o cabeça-de-lista do PSD, Paulo Rangel."



**BNP**

"Este último recurso de Vital Moreira ao caso BNP, provavelmente aconselhado pelo desespero, para atacar o PSD. Provavelmente autorizou a entrada do Freeport em eleições futuras. Se o PSD resolver atacar Sócrates com o Freeport, o PS já não pode dizer que não fez o mesmo."

**André Freire**



**Paulo Rangel**

"Talvez não o chamasse de melhor, mas o que tem sido mais empolgante e de algum modo uma revelação é a candidatura de Paulo Rangel e o frisson que veio trazer com o empate técnico das sondagens."



**Vital Moreira**

"A incoerência de Vital Moreira que no início da campanha reivindicou uma europeização dos temas e contra uma nacionalização do debate e acabou a campanha com o BNP. Foi um candidato que zigzagueou. Começou a dizer uma coisa e acabou a fazer o seu contrário."

**Rui Palmeira**



**Novidade**

"Um novo estilo de campanha, com menos comícios e mais aposta nos públicos-alvo. A boa qualidade geral dos cabeças-de-lista. Aparecimento de movimentos de cidadãos, que, apesar de não se terem notado muito, tiveram uma presença foi positiva."



**Duplas candidaturas**

"As duplas candidaturas descredibilizam os partidos e os políticos. Houve um reduzido debate sobre as questões europeias. O excesso de linguagem, sobretudo de Vital Moreira, que violou um princípio ético que os candidatos devem seguir."



PRIMEIRO PLANO

ELEIÇÕES EUROPEIAS



PPM diz que "não há que ter medo do Islão"

O cabeça-de-lista do Partido Popular Monárquico às europeias, Frederico Carvalho, visitou a Mesquita Central de Lisboa, onde defendeu a integração da Turquia na União Europeia, pois "não há que ter medo do Islão".



# Todos se evitam na

ALFREDO MAIA E HERMANA CRUZ sociedade@jn.pt

Quatro forças concorrentes às eleições de domingo para o Parlamento Europeu escolheram a Baixa do Porto para palco do seu penúltimo dia de campanha — o último que os jornais podem cobrir — mas evitaram cruzar-se nas ruas.

O Bloco de Esquerda suspendeu mesmo a arruada que previa, para evitar "o circo" mediático dos cruzamentos. O único contacto que teve com outro concorrente foi a passagem pelos candidatos, dirigentes e militantes do PSD que percorreram a Baixa, com Manuela Ferreira Leite, Paulo Rangel, Rui Rio, José Pedro Aguiar Branco e Marco António Costa à cabeça. Os bloquistas desceram a Rua de Sá da Bandeira com o recinto da Praça de D. João I animado pela música de fundo que antecipava o comício da noite.

No périplo de contacto com a população, o cortejo social-democrata, animado por mais de duas dezenas de elementos da JSD entoando slogans ("Rangel vai em frente, tens aqui a tua gente!") e glosando um velho tema de António Variações ("Se o Vital não tem juízo, o povo é que paga!") passou pela estrutura montada pela CDU em plena Rua de Santa Catarina, mas, nesse momento, os altifalantes estavam desligados.

Enquadradas pelos "jotas" e por militantes do PSD, entre os quais se destacavam deputados como Marques Guedes, Agostinho Branquinho e Jorge Costa, as principais figuras da arruada foram recebendo abraços e beijos de alguns circunstâncias que se abeiravam deles.

Poucos minutos depois, o palco despiu-se do "laranja" para dar lugar ao azul da CDU. Foi a arruada mais animada da tarde, com Jerónimo de Sousa e Ilda Figueiredo a saírem do Porto convencidos de que a confiança do eleitorado na coligação de Esquerda está a aumentar (ver reportagem ao lado).

Já depois das 18 horas, Vital Moreira e uma extensa comitiva do PS entravam na Rua de Santa Catarina aos atropelos pela confusão mediática em torno da caravana. O candidato deixou a Baixa ao colo de elementos da JS, que tentaram animar, assim, a iniciativa. Apesar disso, declarou-se "satisfeito" e "alegre" pela "adesão popular". ■



José Sócrates acompanhou Vital Moreira no Mercado do Bolhão, no Porto, e à noite num comício em Matosinhos

## PS em defesa da Europa

➔ José Sócrates considerou, ontem, que depois de amanhã os portugueses vão ter de "escolher" entre "os dois lados da campanha" das europeias: "de um lado, o PS a defender a Europa; do outro, todos os outros, que tiveram apenas

uma preocupação, tentar diminuir o PS".

"Nós podemos bem com isso! É preciso dizer a esses partidos que não se constrói um país melhor com negativismo. O país precisa de soluções, não precisa de male-

dicência", afirmou o secretário-geral do PS, no comício de encerramento da campanha socialista, ontem à noite, em Matosinhos.

Apesar da generalização, o principal alvo dos ataques era o PSD, que acusou de se opor a tudo o que

seja iniciativa do Estado. "Esta é a escolha que os portugueses vão ter que fazer: entre quem está nesta campanha empenhado em construir e quem está na campanha para destruir tudo o que pode", prosseguiu, entusiasmado um pavilhão com cerca de duas mil pessoas, sempre prontas a assobiar mal se entoava o nome do PSD ou da sua líder Manuela Ferreira Leite.

"Os portugueses vão ter de escolher entre quem quer construir e quem quer destruir tudo"

Já Vital Moreira, que ainda discursava à hora do fecho desta edição, preferiu explicar que as eleições de domingo "são as mais importantes de sempre, por causa da crise económica; do Tratado de Lisboa, que trará à União mais eficiência, mais democracia e mais poderes para um Parlamento Europeu, que vai ter competências decisivas para o futuro da União e do nosso país".

O comício de Matosinhos serviu, contudo, para responder também à candidatura independente à autarquia do ex-autarca socialista Narciso Miranda. "Os matosinhenses nunca viraram a cara ao PS, nem virarão", garantiu o líder do PS/Porto, Renato Sampaio.

HERMANA CRUZ

## PSD proclama a "certeza" de que vai ganhar



Paulo Rangel foi acompanhado por Ferreira Leite e figuras gradas do PSD

➔ "Tenho a certeza de que vamos ganhar as próximas eleições", declarou, ontem à noite, a líder do PSD. Falando num jantar-volante, no encerramento da campanha no Norte, Manuela Ferreira Leite acrescentou: "Mas também tenho a certeza de que, ganhemos ou não ganhemos, não vamos baixar os braços a partir do dia 7". A dirigente, que voltou a criticar os "investimentos megalómanos em obras públicas", "não basta reduzir o poder ao Partido Socialista; é preciso retirar o poder ao Partido Socialista".

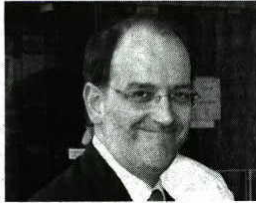
Saudando a "força" da iniciativa, cuja participação terá ultrapassado as 500 pessoas previstas para

a refeição, o presidente da Assembleia Distrital do PSD, Agostinho Branquinho, dera o mote para os discursos vitoriosos da noite, anunciando "uma grande vitória no dia 7 de Junho". E deixou "dois recados" do líder distrital, Marco António Costa (ausente) — um para Paulo Rangel, prognosticando a vitória no domingo; outro para a líder: "esta força, este ânimo, este vigor serão a força e a convicção com que, depois do dia 8, vamos fazer de si a primeira-ministra". Para isso, exortou Rangel, é preciso "que cada um de vós cumpra a obrigação patriótica de votar" domingo, quando "o único voto que conta é o voto no PSD". A.M.



**MPT deposita grandes esperanças na Madeira**

O cabeça-de-lista do MPT, Pedro Quartim Graça, afirmou no Funchal, que o forte apoio popular dos madeirenses permite antever uma "votação extraordinária" do MPT nesta região.



**AEP critica espectáculo gerado nas europeias**

O presidente da Associação Empresarial de Portugal, José António Barros, lamentou o "espectáculo" gerado nas europeias quando a situação do país exigia dos partidos maior "responsabilidade social".



**Caça proibida no próximo domingo**

A prática da caça estará proibida em todo o território nacional no próximo domingo, devido à realização das eleições para o Parlamento Europeu.

# Baixa do Porto

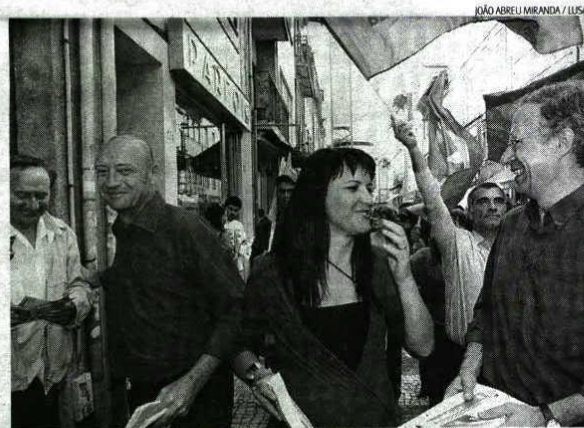


Ilda Figueiredo não escondia um sorriso de contentamento na Baixa do Porto

## Banho popular à CDU

Os apoiantes da CDU pensavam que iam andar pela Avenida dos Aliados e que, no máximo, parariam junto à Câmara do Porto. Mas Jerónimo de Sousa e Ilda Figueiredo mostraram que não tinham medo de medir forças com os dois maiores partidos portugueses e rumaram à Rua de Santa Catarina, onde minutos antes tinha estado a comitiva do PSD. Mal entraram na zona nobre da Baixa da cidade do Porto, Ilda Figueiredo não conseguia esconder o sorriso de contentamento. Eram vários os populares a fura-

rem as centenas de apoiantes para conseguirem dar uma força à candidata e ao secretário-geral do PCP. Jerónimo nem conseguia falar com os jornalistas sem ser interrompido. Foi o que aconteceu quando declarava a existência de um ambiente de que a confiança na CDU está a crescer. "Vamos ganhar?", perguntou-lhe um apoiente. Jerónimo disse que sim. "Temos razões para estar confiantes com este ambiente, esta força e esta confiança", recomendou Jerónimo de Sousa. ■



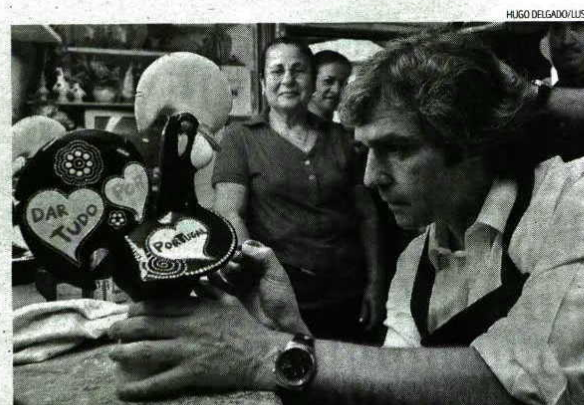
Miguel Portas teve um último dia de campanha animado e sempre ao lado do líder

## BE respira optimismo

Depois do "trabalho de formiga" e de uma campanha onde Miguel Portas diz ter aprendido muito, o Bloco de Esquerda espera alcançar "um grande resultado" depois de amanhã. A "trabalhar pelo voto e contra a abstenção" foi, de resto, o lema com que Miguel Portas percorreu ontem a Rua da Cedofeita, no Porto. A campanha, "em bom rigor, começou com o desencadear da crise financeira", dizia ontem à Lusa o cabeça-de-lista Miguel Portas, que desatou "a correr o país interior" em Novembro.

"Foi uma campanha de contacto muito intenso", em que pôde constatar "boas e más experiências", garante, enquanto desfia as propostas para a reforma da Segurança Social ou para o emprego. Os momentos mais políticos eram sempre à noite, em comícios com críticas aos adversários, em especial o PS, que foram subindo de tom. Ora os bloquistas disparavam sobre o cabeça-de-lista socialista, Vital Moreira, o "lente de Coimbra emproado", ora sobre o primeiro-ministro, eleito como alvo a abater. ■

## Centristas pedem voto azul no domingo



Nuno Melo espera que o CDS-PP seja premiado pelo seu trabalho no Parlamento

O CDS-PP fez uma campanha para o Parlamento Europeu como se as eleições fossem a "primeira volta" das legislativas, uma opção assumida desde o primeiro momento por Paulo Portas e por Nuno Melo e que capitalizou do "efeito BPN". Centrada a Norte e Centro, em feiras ou lares de idosos, pequenas e médias empresas, em contactos na área da segurança ou agricultura, a campanha do CDS foi "de balanço" e "não de promessas", disse ontem Nuno Melo. O partido pediu um "voto azul" "pelo trabalho feito" na Assembleia da República, um "cartão vermelho" contra "o Governo

PS" e uma "mudança de atitude" para acabar com o "rotativismo" "do centrão rosa/laranja", PS e PSD. Paulo Portas diz que se já lhe dão razão, na área da segurança, defesa dos agricultores ou apoio às pequenas e médias empresas, é altura de lhe darem os votos. A opção pela prioridade às questões nacionais foi, de resto, assumida pelo líder do CDS-PP ainda antes da campanha começar. Nas ruas, Nuno Melo mostrou-se descontraindo no contacto com as pessoas, com particular sucesso junto das mulheres, e disse nunca se incomodar com o visível protagonismo do líder. ■

**BREVES**

**PCTP/MRPP Um panfleto e um programa**

Simple panfletos, com o manifesto às eleições europeias, serviram ontem para o PCTP/MRPP apelar ao "voto de protesto" dos trabalhadores da OGMA, em Alverca. Orlando Alves aproveitou para relembrar as propostas do Partido - as 30 horas de trabalho semanais e o salário mínimo europeu - enquanto sentia o pulso aos operário. "Olha o meu partido! Voto sempre, mesmo sabendo que não se ganha nada", dizia uma operária. "Estes gajos ainda existem?", questionava outro.

**POUS**

**Trabalhadores têm "medo"**

"Pela primeira vez", a cabeça-de-lista do Partido Operário de Unidade Socialista notou ontem uma "certa resistência" das pessoas ao contacto directo. Estava na Portugal Telecom, em Lisboa. "Há pessoas que ficam inibidas quando nós lhes dizemos se querem tomar uma posição pela proibição dos despedimentos. Há aqui medo, foi-nos dito que existe receio dentro da empresa, porque há uma avaliação constante", disse Carmelinda Pereira.

**MADEIRA**

**Jardim contra propaganda**

O presidente do PSD/Madeira, Alberto João Jardim, criticou ontem o "Estado sujo" que permite a anarquia na colocação de propaganda política que conspurca o país. Em comunicado, assinado pelo presidente da comissão política regional, o PSD/Madeira diz que a legislação portuguesa permite "uma anarquia na colocação de propaganda política que agride o ambiente e a paisagem. Em suma, permite conspurcar desabridamente o território nacional".





ID: 25403636

05-06-2009

PRIMEIRO PLANO

ELEIÇÕES EUROPEIAS

Durão Barroso apelou ao voto nas eleições

O presidente da Comissão Europeia, José Manuel Durão Barroso, apelou aos europeus para votarem nas europeias porque admitiu que a participação no escrutínio é "algo que preocupa todos".



375 milhões de eleitores europeus

No total este escrutínio envolve cerca de 375 milhões de eleitores dos 27 parceiros comunitários que serão chamados às urnas até domingo para eleger 736 deputados.



# Os resultados que farão os partidos reclamar vitória

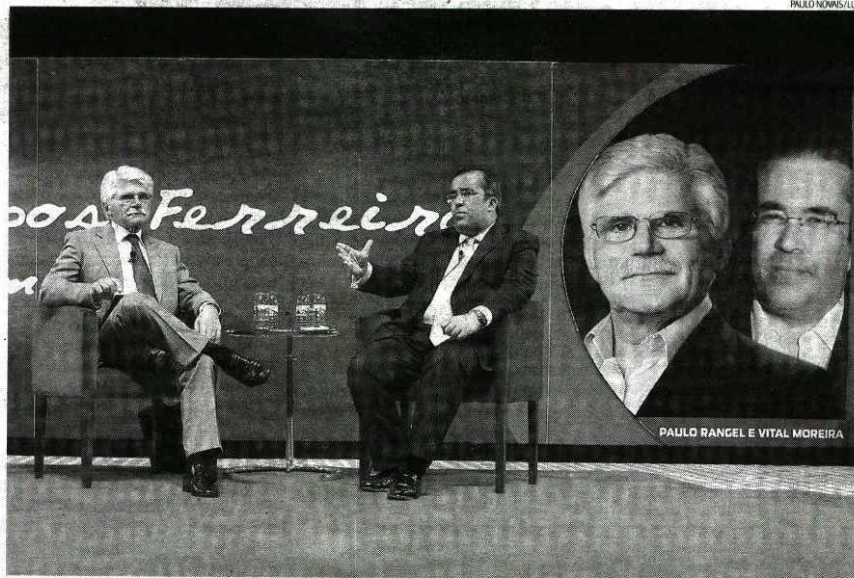
Metas traçadas publicamente nem sempre coincidem com os objectivos reais. Contabilidade das Europeias pode ser determinante para legislativas

TIAGO RODRIGUES ALVES  
sociedade@jn.pt

Os principais partidos já definiram os seus objectivos e a fasquia está bem alta. Todavia, mesmo não atingindo as metas definidas, algumas forças poderão cantar vitória. Há ainda batalhas silenciosas que ninguém quer assumir.

O combate principal das europeias é obviamente entre PS e PSD. Vital Moreira estabeleceu como meta ter mais um eurodeputado do que o PSD, mas ao PS, segundo Vitalino Canas, basta ter mais votos, objectivo partilhado pelo PSD. No entanto, para os sociais-democratas, empatar ou perder por poucos poderá ser suficiente para clamar vitória.

"Para o PSD, face às expectativas iniciais, o empate já será um bom resultado", afirma o politólogo António Costa Pinto. Opinião semelhante tem Rui Ramos, outro politólogo: "Pode cantar vitória se ficar à frente, mas também talvez possa



Empate técnico será mais vantajoso para PSD que até poderá reclamar uma vitória; para o PS empate será visto como uma derrota

festejar se ficar muito próximo do PS". Ambos crêm que os socialistas, para cantar vitória, têm de ter, pelo menos, mais votos e até mais um eurodeputado. "Qualquer outro resultado é mau", vaticina Rui Ramos. André Freire, investigador do ISCTE, revela que, para o PSD, "outra sobre azul será ficar à frente do PS, mas se ficar taco-a-taco, já será um bom resultado". No caso de os socialistas serem ultrapassados, André Freire acredita que, mesmo com as habituais relativizações, "será muito difícil ao PS justificar os resultados e encontrar uma vitória".

Mais atrás nas intenções de voto, BE e a CDU não o assumem, mas ambos travam uma batalha pelo terceiro lugar e será isso que determinará o seu sucesso ou fracasso. "Para ganhar, o BE precisa de passar os 10% e, sobretudo, de ficar à frente da CDU. Se não o conseguir, mesmo que aumente a votação, pode ser mau para as legislativas", diz Rui Ramos. Já para a CDU, "continuar como terceira força política será uma grande vitória. Se ficar pouco atrás talvez ainda consiga disfarçar, porque não está obrigada a apresentar resultados", acrescenta. "A vitória para o BE será ultrapassar a CDU. Para a CDU, a vitória será não ser ultrapassada pelo BE", sintetiza Costa Pinto.

Já o CDS está numa posição mais complicada porque, "mais do que procurar um bom ou mau resultado, tem uma luta mais acesa pela sobrevivência", diz Rui Ramos. E tanto Costa Pinto como Rui Ramos acreditam que manter o resultado das eleições anteriores já será muito bom.

Para André Freire, os centristas "poderão estar a ser prejudicados pelo voto útil à direita", que foge para o "challenger" PSD. O investigador alerta ainda para o facto de a grande imprevisibilidade dos resultados poder estimular comportamentos de última hora que podem baralhar todas as previsões e sondagens. ■

## Os objectivos de cada um dos cabeças-de-lista pela sua própria voz



"A meta é ganhar as eleições, como sempre tenho dito. Ter mais deputados que o principal adversário."

Vital Moreira  
PS



"O nosso objectivo é ganhar estas eleições [ter mais votos], para contagiar o país e fazer, nas próximas eleições legislativas, uma mudança."

Paulo Rangel  
PSD



"O Bloco há dez anos teve 1,5% de votos e 5% há cinco anos. Agora queremos ter mais votos, mais percentagem e pelo menos mais um eurodeputado."

Miguel Portas  
BLOCO DE ESQUERDA



"Um bom resultado será manter ou subir o número de eurodeputados."

Nuno Melo  
CDS/PP



"Um bom resultado para a CDU é ter mais votos e mais deputados."

Ilda Figueiredo  
PCP



**Resultados só depois das 21h00 de dia 7**

A Comissão Europeia advertiu que só se podem anunciar os resultados depois do fecho da última assembleia de voto nos 27 que será nos Açores, às 20h00 locais de domingo.

**PRINCIPAIS PROPOSTAS DOS PARTIDOS**

**PS**

- **Estratégia de Lisboa**  
Aplicação determinada da estratégia de Lisboa; recurso às euro-obrigações; criação de um presidente permanente do Conselho e de um Alto-Representante para os Negócios Estrangeiros.
- **Sistema financeiro regulado**  
Criação de instâncias europeias

- de regulação e supervisão; regular o sistema financeiro; reorientar as políticas agrícolas e de pescas; liderar o combate as alterações climáticas; aplicar a estratégia marítima integrada europeia.
- **A favor da adesão da Turquia**  
Empenho na capacitação civil e militar da UE; combate à proliferação de armas de destruição massiva; defesa da política de alargamento à Turquia e Balcãs.

**PSD**

- **Apoios às empresas**  
Defesa de políticas activas de incentivo às pequenas e médias empresas; uso dos fundos comunitários no combate à crise; reforço das políticas sociais, sobretudo para os mais idosos; políticas comuns para asilo, vistos e imigração e reforço da luta contra a corrupção.

- **Manter Barroso na Comissão**  
O PSD compromete-se a tudo fazer para reconduzir Durão Barroso como presidente da Comissão Europeia e a levar por diante o Tratado de Lisboa; assumpção por Portugal de uma estratégia marítima europeia.
- **Emprego e educação**  
Democratizar o ERASMUS e criar o ERASMUS-emprego; reforço do financiamento do ensino superior.

**BLOCO**

- **Um novo Tratado Europeu**  
Defesa de um novo Tratado Europeu que seja conciso e preciso e que seja submetido a referendo.
- **Defesa do ambiente**  
Requalificar a indústria mais poluidora; apoio a transportes colectivos menos poluentes e em fontes de energia alternativas.

- **Dissolução da OTAN**  
Contra a guerra preventiva; resolução de conflitos por via política e da dissolução da OTAN; fim das bases estrangeiras na Europa.
- **Fim de todos os offshores**  
Registo de todos os movimentos financeiros na direcção dos offshores; acordo para o encerramento dos que se localizam na Europa; regulação pública das bolsas europeias.

**CDS/PP**

- **Referendar tratados**  
Tratado de Lisboa é necessário mas devia ser referendado; referendar sempre que os tratados contenham importantes transferências de soberania.
- **Apoios às empresas**  
Política fiscal virada para as micro,

- pequenas e médias empresas; política alternativa para os pagamentos por conta e reembolso do IVA; menos obrigações de pagamento e retenção na fonte de IRS para famílias desfavorecidas.
- **Escolher escolas**  
Avaliação exigente de todo o sector educativo; liberdade de escolha pelas famílias das escolas; reforço da segurança.

**PCP**

- **Referendar tratados**  
Rejeição do Tratado de Lisboa; referendar todos os tratados que impliquem abdicação de soberania; rejeição da redução do número de eurodeputados.
- **Fim da militarização**  
Contra a militarização da UE no

- quadro ou não da OTAN; proibição do uso de armas de destruição massiva; fim da ocupação do Iraque e do Afeganistão.
- **Aposta no emprego**  
Imediata suspensão do pacto de estabilidade; profunda reforma das políticas agrícolas e de pescas; valorização dos salários e medidas que combatam a deslocalização de empresas.



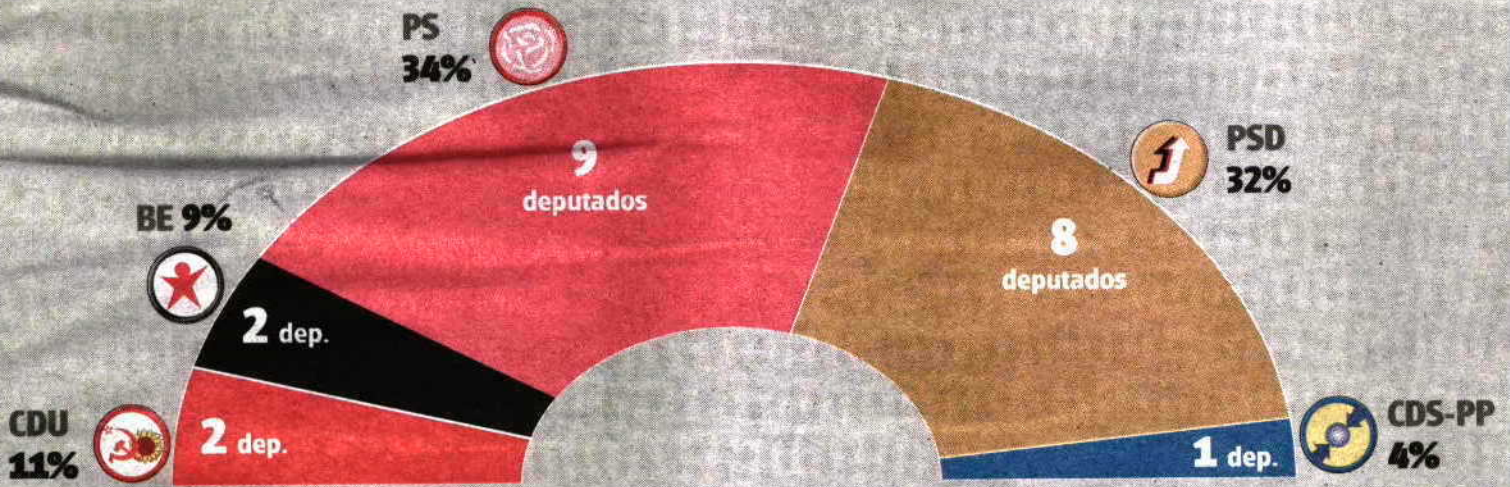
ID: 25403636

05-06-2009

SONDAGEM UNIVERSIDADE CATÓLICA PARA O JN/DN/ANTENA 1/RTP PÁGINAS 2 A 7

# PS À TANGENTE

**Socialistas** lideram intenção de voto para as Europeias, mas só a dois pontos percentuais do PSD. CDU ultrapassa BE como terceira força e PP duplica resultado



→ Vital Moreira (PS) enfatiza, no Porto, importância das europeias. Sócrates ataca "negativismo" da Oposição



→ Paulo Rangel (PSD) percorreu coração da Invicta ao lado da líder. Ferreira Leite diz estar certa de que vai ganhar



→ Ilda Figueiredo (CDU) entusiasmada com ambiente que encontrou nas ruas da Baixa do Porto



→ Miguel Portas (BE) destaca trabalho de formiga do partido e diz estar à espera de "grande resultado"



→ Nuno Melo (PP) pede "voto azul" pelo trabalho feito no Parlamento e assume aposta no "caso BPN"

**Tempos de antena vão custar três milhões ao Estado**

barómetro

actual



**Estudo.** Pesquisa do Centro de Sondagens da Universidade Católica mostra que os socialistas sofrem acentuada queda em relação às últimas europeias. Os sociais-democratas registam subida e, só, alcançam valores idênticos aos da coligação PSD-CDS de 2004

# PS PODE ELEGER NOVE DEPUTADOS À FRENTE DO PSD QUE OBTEM OITO

■ JOSÉ MANUEL BARROSO

Os socialistas podem ganhar as eleições europeias de domingo com ligeira vantagem sobre os sociais democratas, quer em número de deputados, quer em percentagem de votos. Segundo o estudo do Centro de Sondagens da Universidade Católica para o DN, JN, Antena 1 e RTP, a lista do PS elegerá nove deputados e a do PSD oito. O partido de José Sócrates pode obter 34 por cento dos votos, contra 32 do partido de Manuela Ferreira Leite.

A este quase empate soma-se um outro na luta entre os partidos à esquerda do PS. A CDU e o BE deverão eleger dois deputados cada, mas comunistas e bloquistas ficarão também a curta distância uns dos outros em termos de votos - onze e nove por cento respectivamente. O CDS terá apenas um representante no parlamento europeu, perdendo um lugar em relação a 2004.

Se estes resultados se confirmarem, eles reflectirão uma acentuada queda do PS, que perde três deputados dos 12 que detinha no actual parlamento - mesmo considerando que Portugal passa de 24 para 22 representantes, devido sobretudo ao alargamento da União Europeia. Por seu lado e ainda no campo dos maiores partidos, o PSD ganhará um deputado, passando de sete para oito.

Em termos percentuais, comparados os resultados da sondagem com os votos obtidos em 2004, o PS passará de 44,5 por cento para os 34 (menos 10,5%) e o PSD pode obter, sozinho, 32 por cento contra os 33 da coligação PSD-CDS de então.

O CDS poderá ser o outro perdedor, mesmo considerando que o partido parece recuperar em relação à anterior sondagem para o DN. Passa de dois para um representante em Estrasburgo. A sondagem anterior referida previa que os centristas obteriam apenas dois por cento dos votos e a actual dá-lhe quatro por cento.

No campo dos partidos da esquerda comunista - a CDU (PCP-Os Verdes) e o Bloco de Esquerda - o PCP tende a recuperar, em relação às previsões da sua ultrapassagem pelo BE, ganhando a este corrida sobre a linha da meta. Mas os bloquistas podem duplicar número de deputados e de votos, em relação a 2004, o que repre-

senta também uma importante vitória no campo da esquerda.

Apenas 21 por cento dos inquiridos declarou não pretender votar - o que afastaria o temor de uma abstenção em massa. Mas há ainda 18 por cento que afirmam não saber em quem votar, outro dado a ter em conta a apenas cinco dias da data das eleições (a sondagem foi realizada entre 29 de Maio e 2 de Junho passado).

As reacções dos representantes dos partidos à sondagem para o DN é variada e tem muito a ver com agrado ou desagrado com os resultados.

A reacção do cabeça de lista do PSD aos dados da pesquisa, na sua cautela optimista, tem em conta sobretudo o universo daqueles cujo voto parece indefinido. "É uma sondagem entre outras, todas elas com resultados diferentes. Mas é um sinal que dá uma forte possibilidade de o PSD ganhar as eleições no domingo. É muito difícil fazer previsões, tudo depende da taxa de abstenção. Mas temos confiança de que podemos ganhar as eleições no domingo", diz Paulo Rangel.

Se há tema tabu na caravana do PS ele é sondagens. José Sócrates disse logo de manhã ao DN que "sondagem só há uma, a de domingo". Nem mais uma palavra. O candidato Vital Moreira deixou de fazer qualquer julgamento desde que foi revelado na semana passada o primeiro barómetro da TSF e só dá uma resposta: "Ainda é cedo para se falar disso".

O cabeça-de-lista do CDS, Nuno Melo, desvalorizou os números da sondagem do DN que dá lhe 4 por cento. E lembrou que na antevéspera das últimas europeias as sondagens atribuíam ao CDS 1,5 por cento "e o partido teve 8,7". Para o candidato, o resultado de 4 por cento não se confirmará, "é martelado ou é ficção científica".

Ida Figueiredo, da CDU, alinha pelo diapasão da sondagem do dia das eleições. "A grande sondagem é a de dia 7, já domingo. Já falta pouco para saber a votação e o povo português vai dar a esta força, a qual sentimos em crescendo".

Já o cabeça de lista do BE, Miguel Portas, salienta que os resultados da sondagem são os que resultam do facto de os trabalhos no terreno terem sido feitos até terça-feira, sem considerar portanto esta "recta final". O BE, segundo Miguel Portas lutar até ao fim por "outro resultado". ■



## Ficha técnica

Esta sondagem foi realizada pelo Centro de Sondagens e Estudos de Opinião da Universidade Católica (CESOP) para a Antena 1, a RTP, o Jornal de Notícias e o Diário de Notícias entre os dias 30 de Maio e 2 de Junho de 2009. O universo alvo é composto pelos indivíduos com 18 ou mais anos recenseados eleitoralmente e residentes em Portugal Continental. Foram seleccionadas aleatoriamente trinta e nove freguesias do país, tendo em conta a distribuição da população recenseada eleitoralmente por regiões NUT II (2001) e por freguesias com menos de 3200 recenseados, entre 3.200 e 11.000 e mais de 11.000 recenseados. A selecção aleatória das freguesias foi sistematicamente repetida até que os resultados eleitorais das eleições europeias de 2004 e legislativas de 2005 nessas

## A quase unanimidade nas

Em três das pesquisas realizadas para outros meios de comunicação, o PS tem um avanço sobre o PSD de 4 a 5 pontos. Na realizada para a TSF, o PSD ganharia ao PS por 3 pontos.

A vantagem do PS sobre o seu competidor mais directo, o PSD, ressalta de quase todas as outras sondagens realizadas para outros meios de comunicação nos últimos dias. Essa vantagem situa-se entre os dois e os cinco pontos percentuais. A única excepção é a sondagem da Marktest para a TSF e o Diário Económico, que coloca o PSD três pontos à frente

do PS - este partido obterá 29,4 por cento dos votos e o seu principal rival 32,5 por cento.

Na sondagem Intercampus, para a TVI e o Rádio Clube Português o PS aparece com 37,1%, o PSD com 32%, o BE com 9,9%, a CDU com 7,7% e o CDS com 3,5%. Já na realizada para a Eurosondagem, para a SIC e o Expresso, é a seguinte a posi-



ID: 25403573

05-06-2009

**As europeias de 2004**

PS - 44,5%

• Nas últimas europeias, o PS conseguiu uma vitória confortável ao eleger **doze eurodeputados**. A lista acabou por ser liderada por António Costa.

PSD/CDS - 33%

• O PSD aliou-se ao CDS nas europeias e conseguiu **nove lugares** (sete para o PSD e dois para o CDS), numa lista encabeçada por João de Deus Pinheiro.

CDU - 9%

• A coligação PCP/PEV manteve como cabeça-de-lista Ilda Figueiredo e conseguiu eleger **dois eurodeputados**, ela própria e Pedro Guerreiro.

BE - 5%

• Os bloquistas concorreram em 2004 pela segunda vez ao Parlamento Europeu conseguindo eleger **um eurodeputado**, Miguel Portas.

**11%**  
2 EURODEPUTADOS



7%  
SONDAGEM 2 DE MAIO  
**CDU - PCP/PEV**  
ILDA FIGUEIREDO

**Em que partido tenciona votar nas eleições europeias?**

**9%**  
2 EURODEPUTADOS



12%  
SONDAGEM 2 DE MAIO  
**BE**  
MIGUEL PORTAS

**4%**  
1 EURODEPUT.



2%  
**CDS-PP**  
NUNO MELO



freguesias estivessem a menos de 1% dos resultados nacionais dos cinco maiores partidos, ponderado o número de inquiridos a realizar em cada freguesia. Os domicílios em cada freguesia foram seleccionados por caminho aleatório e foi inquirido em cada domicílio o mais recente aniversariante recenseado eleitoralmente. Foram obtidos 3375 inquiridos válidos, sendo que 55% dos inquiridos eram do sexo feminino, 44% na região Norte, 12% no Centro, 32% em Lisboa e Vale do Tejo, 6% no Alentejo e 4% no Algarve. Todos os resultados obtidos foram depois ponderados de acordo com a distribuição da população com 18 ou mais anos residente no Continente por sexo (2007), escalões etários (2007) e qualificação académica (2001), na base dos dados do INE, e por região e habitat na base dos dados do recenseamento eleitoral. A taxa de cooperação foi de 83%. A margem de erro máximo associado a uma amostra aleatória de 3375 inquiridos é de 1,7%, com um nível de confiança de 95%.

**O que diz esta sondagem?**

Estritamente na base da sondagem do CESOP/UCP agora divulgada, os números revelam o seguinte:

1. A diferença entre o PS e o PSD não é estatisticamente significativa na inferência da amostra para as intenções de voto da generalidade dos eleitores entre os dias 30 de Maio e 2 de Junho. Voltamos, como tem sido frequente ao longo desta campanha, ao domínio do "empate técnico".

2. O mesmo não sucede para as diferenças entre a CDU e o BE, ou entre o BE e o CDS-PP nesta sondagem. Tendo em conta os valores encontrados e a dimensão da sub-amostra de eleitores que afirmaram "ter a certeza" que iriam votar e indicaram uma intenção de voto válida, estas diferenças são estatisticamente significativas com um elevado grau de confiança. Por outras palavras, na base desta sondagem, CDU, BE e CDS-PP eram, no momento do trabalho de campo, respectivamente os terceiro, quarto e quinto partidos em termos de intenções de voto.

3. Em relação à anterior sondagem do CESOP/UCP, realizada há mais de um mês, algumas mudanças também elas estatisticamente significativas: a descida do PS e a subida da CDU, do CDS-PP e do conjunto de "outros, brancos e nulos". As descidas do PSD e do BE, verificadas na comparação entre as duas sondagens, foram ligeiramente menos expressivas, em termos de relevância estatística, que as mudanças ocorridas nos outros partidos. Note-se, contudo, uma mudança de metodologia em relação à sondagem anterior - a utilização da simulação de voto em urna - que pode ser parcialmente responsável por algumas destas mudanças.

4. Duas novidades: o aparecimento do

MEP e do MRPP com estimativas iguais ou superiores a 1 por cento, e por isso discriminados na listagem de partidos e na apresentação de resultados desta sondagem. No caso do MRPP, isso já quase sucedia no estudo anterior, mas o aparecimento do MEP com intenções de voto relevantes é um fenómeno verdadeiramente novo na comparação com a sondagem anterior.

E agora? O leitor atento fará bem em ponderar estas conclusões à luz das restantes sondagens que serão divulgadas. Apesar das diferenças metodológicas e seus presumíveis efeitos, foram conduzidas

aproximadamente ao mesmo tempo. A sua visão em conjunto poderá ajudar a confirmar ou infirmar, por exemplo, a ideia de "empate técnico" entre o PS e o PSD. Mas dois avisos importantes. Por um lado, mesmo que todas as sondagens fossem absolutamente convergentes, não se pode garantir que não tenham sido todas afectadas por um qualquer enviesamento comum que leve à sobrestimação ou subestimação de este ou aquele partido, nem que, naturalmente, aquilo que foi medido há alguns dias não venha a ser afectado por eventos até ao final da campanha. Por outro lado, todas as sondagens têm enormes dificuldades em captar a abstenção real, o que faz com que captem intenções de voto que, chegado o dia das eleições, acabam por não se realizar. Quanto maior a abstenção, maior costuma ser a discrepância entre as intenções de voto captadas num momento e aquele que vem a ser o comportamento no dia das eleições. Veremos se, mais uma vez, isso vai suceder nestas Europeias. ■

Director do CESOP/UCP e investigador do Instituto de Ciências Sociais - UL



Pedro Magalhães

**Voltamos, como tem sido frequente ao longo desta campanha, ao domínio do 'empate técnico'**

**pesquisas**

ção dos partidos: PS 36%, PSD 31,9%, BE 10,1%, CDU 9% e CDS 6,1%. Finalmente, a da Aximagem para o Correio da Manhã ordena de forma semelhante os partidos principais: PS 36,2%, PSD 30,9%, BE 10,2%, CDU 10,1% e CDS 5%.

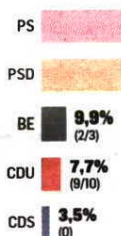
A margem de incerteza entre os principais contendores mantém-se, em todas elas. Com ligeira vantagem dos socialistas sobre os socialistas democratas, mas sucessivos empates entre CDU e BE e tendência do CDS para se manter no lote dos partidos parlamentares. Refletindo este panorama, o número

de lugares que cada partido poderá obter centra-se nas mesmas coordenadas. PS e PSD disputam a margem entre os 8 e os 10 eurodeputados. Os socialistas têm ligeira vantagem no número de lugares a conquistar (9 a 10), tendência que se inverte, naturalmente, na sondagem da Marktest para a TSF e Diário Económico.

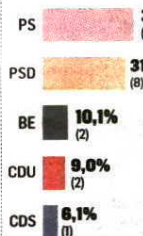
O empate em deputados eleitos, dois, é quase dado adquirido no que respeita ao duelo do BE com a CDU - e, a ser assim, estes duplicam a sua representação. Já no que respeita ao CDS tudo parece indicar que este partido perderá um dos seus actuais dois deputados. Consequência também da menor representação portuguesa no PE. ■ J.M.B.

**As outras sondagens**

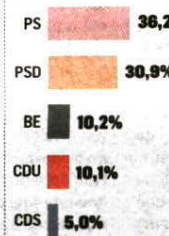
**Intercampus**  
TVI E RCP (29 MAIO)



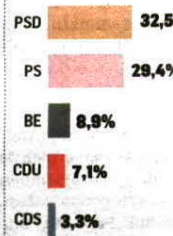
**Eurosondagem**  
SIC E EXPRESSO (4 MAIO)



**Aximagem**  
CORREIO DA MANHÃ (4 MAIO)



**Marktest**  
TSF E DIÁRIO ECONÓMICO (4 MAIO)



(NÚMERO DE DEPUTADOS)

▶ europeias



**a 'gaffe'**

Vital Moreira, tão embalado no seu discurso, diz a dada altura: "Este partido não se envergonha do seu cabeça de lista... Desculpem, não se envergonha do seu secretário-geral". Uma contribuição para quem o acusa de vaidoso...

**o lema**

"Portugal Positivo" são as palavras que mais pronuncia quando fala com a imprensa. Um roteiro que foi a tábua de salvação para surfar sobre os problemas sociais que a crise amplificou.

**o momento**

A frase "A Europa é Vital" é um achado e a JS foi quem a inventou. Um dos pontos altos do comício é quando grita "A Europa é" e os jovens socialistas respondem com o seu nome. Empolga as massas.

**PS.** Perante alguns "deslizes" de Vital Moreira, José Sócrates viu-se obrigado a ir para o terreno, numa altura em que as sondagens começaram a dar ao PSD numa clara subida. Sócrates surgiu um pouco por todo o lado, com Vital a ganhar mais confiança e a ter o apoio de vários dirigentes socialistas. O cabeça-de-lista do PS optou por fazer uma campanha onde não falou só de temas das europeias, mas também de temas nacionais. Nos últimos dias, Vital esforçou-se mesmo por mostrar o "Portugal Positivo", aquele que diz que não dá notícia. As visitas a institutos tecnológicos tornaram-se um "must"



Ontem, Sócrates deu mais ajuda ao candidato do PS, Vital Moreira

# Vital Moreira, um candidato para o Portugal Positivo de José Sócrates

JOÃO CÉU E SILVA

"Eu gosto de beijocas". A confissão é de José Sócrates, à porta do hotel onde dormiu no Porto, depois de regressar de um banho de multidão no Mercado do Bolhão. Também diz que não se importa de andar no meio do povo e que quem não gosta de fazer mercados é porque não gosta de quem aí está: o povo. Aqueles que vão decidir este domingo quem ganha as Europeias e que se levantou bem cedo para ter peixe, carne, hortaliças, flores e tudo o que ainda se vende na praça mais popular do Porto.

José Sócrates também se levantou cedo e foi aquecer a boa forma política no Mercado do Bolhão com Vital Moreira, o cabeça de lista que não quer ser "lebre" do PSD mas não se importa de o ser para o PS, para em seguida ir até ao Parque da Cidade aquecer a sua boa forma física com a habitual corrida de 40 minutos.

Quando se pergunta ao secretário-geral se o "coelho" que tirou da cartola para estas eleições o surpreendeu pelo desempenho, José Sócrates responde: "Mas fui eu que o escolhi!". Portanto, nada de surpresas no horizonte para o político

que vai ter a sua carreira decidida nos próximos meses e para o qual estas Europeias contam muito.

Note-se que o Bolhão de ontem foi a primeira iniciativa desta campanha que começou há onze dias a não integrar o conceito de um Portugal Positivo que orientou esta campanha na sua totalidade. O cabeça de lista do PS percorreu o país sem entrar nestas coisas do Portugal profundo com a justificação de que as eleições são europeias e há que diagnosticar o que tem a ver com isso que o PS anda a cooptar da Europa em ideias e verbas.

Vital Moreira é cate-drático, é um homem que fez algumas das leis que regulam a vida dos portugueses e um professor que enquan-

to prepara o seu trabalho universitário é capaz de estar oito horas a ouvir o Adagietto de Mahler como única música de fundo sem se perturbar. A Europa de Vital Moreira é diferente da da maioria dos portugueses desse Portugal que percorreu. É culta e tecnológica, é avançada e com mobilidade de cidadãos. Não é de direita nem xenófoba e deve ser presidida por alguém que não Durão Barroso. Não é de emigrantes nem de alunos do décimo

segundo ano, mas de universitários e profissionais com potencial inovador. Por isso, a sua campanha teve sempre passagem por institutos tecnológicos, politécnicos com uma nova geração de jovens, empresas de software em silicon valleys do interior português e com autarcas menos populistas do que é costume ver-se nas campanhas. Não quer dizer que não tenha participado em

arruadas populares ou no contacto com as populações, mas tal face a face não é o seu melhor lado. Esse encontra-se nos comícios onde consegue fazer uma prestação muito convincente e a encontrar umas tiradas próprias de um político bem rodado. Ainda por cima o candidato não seguiu o roteiro e potenciou dois factos de sua conta, o polémico Imposto Europeu e uma luta in-

cómoda como é o caso do BPN, sem ter dado muito conta do que ia fazer à direcção do PS.

Nos últimos dias, José Sócrates esteve mais presente no terreno, tendo estado em várias acções de campanha e acompanhado de perto a caravana do PS, sempre organizada "à americana". O primeiro-ministro e secretário-geral do PS encerra hoje à noite a campanha, com um comício na antiga FIL (Junqueira), onde também participam Inês de Medeiros, António Costa, Mário Soares e, claro, o cabeça-de-lista. Vital Moreira passa todo o dia em Lisboa, sobretudo na baixa, e vai almoçar a uma cervejaria. ■

## O horror à "promiscuidade" na campanha

O sr. Alberto do quiosque em frente à porta do Mercado do Bolhão no Porto disse logo a sua verdade: "Ninguém fez nada pelo Bolhão". E enumerou nomes: Fernando Gomes, Nuno Cardoso e este, o Rui Rio, até o quis vender". Diz que tem ali o estabelecimento há 23 anos e que trabalhou na vida o suficiente para não entender porque é que os limões da loja ao lado vêm de Espanha. Esta modernidade da importação de um produto que os portugueses amargam não é a única nos arredores do Bolhão pois mesmo à porta do mercado a antiga Pensão Vitória agora chama-se Chique Pensão! Nada disso incomoda Vital Moreira e José Sócrates que foram manhã cedo ao mais habitual passeio dos políticos que vêm ao Porto dar a

sua volta. Sócrates era virgem no acto mas a mulherada com eles no sítio não se proibiu de o abraçar, pedir obras para a praça e, até, reclamar contra a exportação do Magalhães quando ainda há tantas crianças que o não têm em Portugal. O secretário-geral do PS ainda lá seguindo em frente mas quando viu que havia três televisões mesmo à mão de semear não resistiu a vestir o fato de primeiro-ministro e deixar as peixeiras à espera enquanto passava a mensagem do seu melhor "peçado" tecnológico.

Vital Moreira não o faz com tanta à-vontade mas já ganhou algum treino no modo de comunicar desde que se inscreveu neste curso acelerado de relações europeias e quando à tarde foi a Santa Catarina

não ficou atrás do novato Rangel ou do batido Jerónimo na sua passeata de rua, nem no comício de Matosinhos se deixou cilindrar pelo discurso de José Sócrates. A única situação em que o cabeça de lista não pactua é na "promiscuidade" com os jornalistas. A Comunicação Social está do outro lado da barreira e, com excepções, não há convivência mesmo que em estritos termos profissionais. ■ J. C. S.

• **positivo** Artistas à mesa

Vital reuniu um grupo de representantes da cultura portuguesa que vivem no norte. Ainda por cima na Casa da Música.

• **negativo** Gastronomia

A campanha dedica à gastronomia boa atenção. Mas, num mesmo dia, a ementa foi rojões ao almoço e ao jantar.

**a 'gaffe'**

O candidato foi "apanhado" pela socialista Ana Gomes ao citar uma frase do "famoso economista americano: a longo prazo estamos todos mortos". Rangel citava, afinal, John Maynard Keynes que, por acaso, é inglês

**o lema**

A campanha decorreu sob o lema do combate ao "Governo da incompetência e da leviandade". Rangel falou menos de europeias e muito mais de questões nacionais, fazendo destas eleições umas "primárias".

**o momento**

O encontro de Paulo Rangel com o ex-candidato à liderança do PSD Pedro Passos Coelho em Vila Real foi dos momentos mais tensos da campanha. Rangel, e também Aguiar-Branco, não esconderam o desconforto.

**PSD.** Perante uma organização de campanha insuficiente, foi Paulo Rangel a ditar o ritmo da caravana laranja. O cabeça-de-lista adaptou-se a cada audiência que tinha à sua frente e foi alternando entre um estilo mais erudito ou mais popular. A 'performance' acabou por tirar da letargia vários dirigentes e ex-dirigentes que se apressaram a querer aparecer ao seu lado. Até os maiores inimigos da líder

## Paulo Rangel nas europeias, a lebre de Manuela Ferreira Leite para as legislativas

■ PAULA SÁ

A líder do PSD escolheu-o quase isolada na sua Comissão Política. Mas durante a campanha eleitoral para as europeias, Manuela Ferreira Leite ouviu os mais insuspeitos elogios pela sua aposta em Paulo Rangel. E se, no debate quinzenal com o primeiro-ministro, o professor de Ciência Política se revelou um opositor à altura de José Sócrates, ao qual fez tiro ao alvo durante os 12 dias na estrada, durante esta campanha surpreendeu literalmente o seu partido e muitos simpatizantes do PSD.

Rangel foi um candidato afável. A gargalhada fácil é a imagem de marca da sua campanha. Mostrou empatia com os populares. Falou pouco da Europa e mais dos problemas nacionais. Sobretudo para os descontentes professores, aos quais prometeu que o PSD lhes devolverá a "dignidade", e aos agricultores, "esquecidos" pelos Executivos.

Erudito e popular ao mesmo tempo. Deslizou entre Charles de Montesquieu e figuras de ficção como o Robin dos Bosques, o Tio Patinhas e o gaulês Astérix. A mensagem adaptou-a a cada plateia. Absorveu cada crítica e incorporou-a no discurso. Os *dossiers* estavam todos estudados na ponta da língua.

A campanha desorganizada, milhares de quilómetros num zigzague estafante, sem grandes recursos, nem *staff* de monta, apenas cartazes espalhados por todo o País, foi isto: *one man show*. De tal forma que, por várias vezes, alguns apoiantes lamentaram em voz alta a sua partida para Bruxelas, "Você é que devia ser líder do PSD!" - foi uma frase repetida e que lhe causou algum incómodo, como confessou ao DN. Ele promete andar por aí "Quero manter uma presença no espaço político português", diz-nos ainda, ao mesmo tempo que relembra que o seu papel em São Bento

ficaria diminuído a partir de Outubro. "Na próxima legislatura, a líder do partido já estará no Parlamento... ou no Governo!"

O seu principal adversário nas europeias, Vital Moreira deu-lhe valiosa ajuda. Rangel aproveitou bem cada erro, cada ataque do opositor socialista. Primeiro o novo imposto europeu, depois a "roubalheira" do BPN por "figuras gradadas do PSD", até à recusa de um frente-a-frente na RTP-1. "Tem medo!" - assegurou Rangel - "perdeu todos os debates que fez comigo".

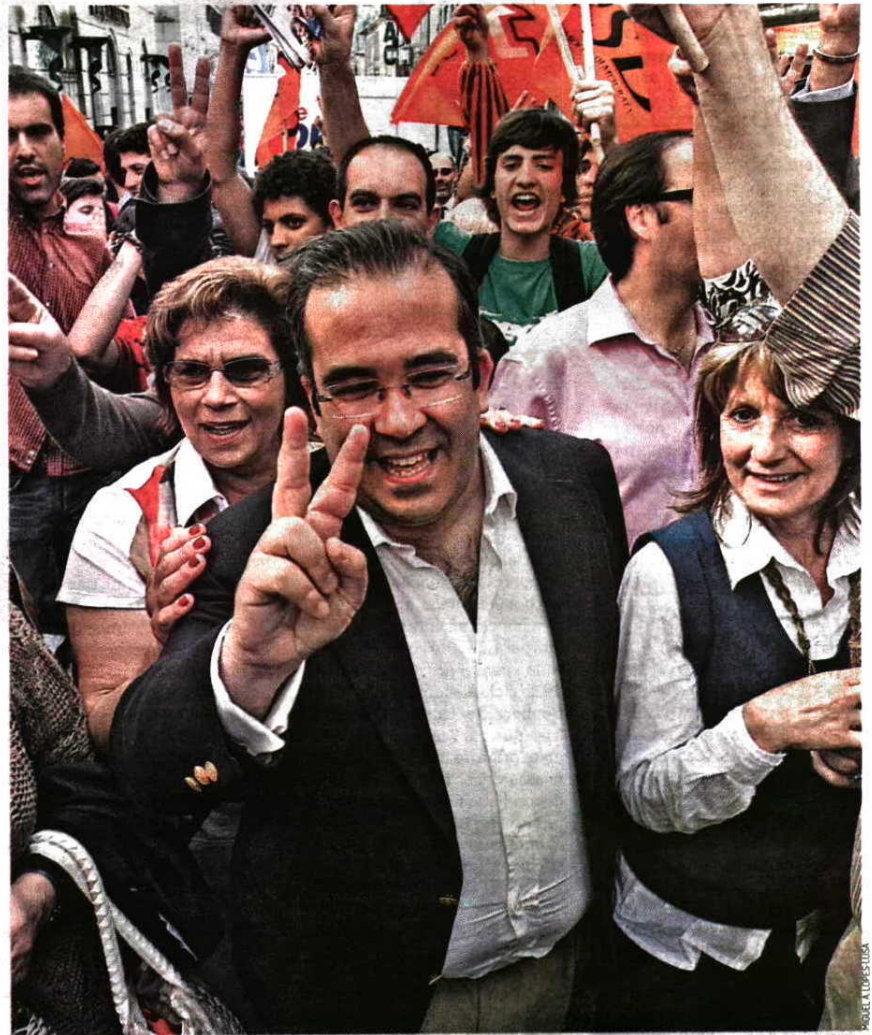
A máquina do PSD, essa, demorou a reagir. Foi a dinâmica que Rangel imprimiu à campanha das europeias que arrastou figuras gradadas para o terreno. Ferreira Leite esteve com ele *qb*. Os vice-presidentes do partido, incluindo Rui Rio, os

líderes das distritais, os presidentes de câmara, também deram a cara neste combate eleitoral. E até o antigo líder do PSD que apelidou de "incompetente" a actual direcção, Luís Filipe Menezes, admitiu

que ele era um "excelente candidato", em claras tréguas com a actual presidente do partido, que tanto criticou no passado recente.

Menos receptivo esteve Rangel ao apoio de Pedro Passos Coelho. O adversário de Ferreira Leite nas eleições directas do ano passado pré-anunciou a sua ida a Vila Real, cidade de que é presidente da Assembleia Municipal, e ali mesmo condicionou-o e à líder a "ganhar as europeias" para o PSD não partir "diminuído para as legislativas". Dois dias depois, a líder resolveu responder-lhe, dizendo que aquela frase não era "democrática".

Ferreira Leite escolheu Rangel para lebre das legislativas. Só no domingo se perceberá se apostou alto. A verdade é que o candidato ganhou o seu espaço no PSD e acorda de manhã a cantarolar o lema dos jatinhas que o acompanharam: "Ninguém pára o Rangel, olé oh, olé oh!" ■



Rangel deixou o lugar de líder parlamentar e mergulhou na campanha

## Rangel e a líder endurecem críticas ao PS

A campanha do cabeça de lista do PSD europeias termina esta noite no Mercado da Ribeira em Lisboa e o apelo contra a abstenção deve subir de tom. Tal como endureceram as críticas de Paulo Rangel e de Manuela Ferreira Leite ao PS, a Vital Moreira e ao primeiro-ministro na recta final da corrida ao Parlamento Europeu. Ontem na Baixa do Porto, as comitivas do PSD e do PS por pouco cruzavam-se na Rua de Santa Catarina. Rangel tinha a vantagem de estar ao lado da sua líder e do presidente da Câmara do Porto, Rui Rio.

A comitiva, na qual se integrou Manuela Ferreira Leite e alguns dirigentes do PSD, seguiu em cortejo, mais num sinal de união e força do partido, do que à procura do contacto popular. Foi ainda junto ao cé-

lebre café Majestic que Paulo Rangel teve a recepção mais calorosa. Alguns apoiantes estavam ali para o abraçar. "Força Paulo!" - incentivou um senhor ao mesmo tempo que lhe apertava a cara entre as duas mãos. A líder, sempre a seu lado, também foi bem acolhida. E Rui Rio mostrou que está em boa forma física ao corresponder literalmente aos gritos da JSD. "E salta Rio! E salta Rio!" Um cenário propício a três campanhas. A de Rangel para domingo. A de Ferreira Leite para Outubro. E a de Rui Rio para as autárquicas no Porto.

Na noite anterior, num comício no Instituto Plaget, em Viseu, que reuniu perto de 600 pessoas, a líder social-democrata fez o seu melhor discurso da campanha das euro-

peias. Atacou fortemente Vital Moreira pelas "instruações" de que o PSD tem ligações ao caso BPN. Ferreira Leite deixou ainda um recado claríssimo ao eleitorado: "Não chega reduzir o poder ao PS, é preciso tirar o poder ao PS". Os portugueses, afirmou, têm que saber que se querem continuar a empobrecer votam no PS, se querem mudar e ter esperança têm que votar no PSD no dia 7 de Junho". ■ P.S.

**o positivo Sondagens**

Os bons resultados nas sondagens vitaminaram Paulo Rangel e Ferreira Leite na recta final das europeias.

**o negativo Excesso de ruído**

Os tradicionais bombos na "arruada" do Porto foram insuportáveis. Barulho não é sinónimo de campanha ou de festa.



ID: 25403573

05-06-2009

▶ europeias



## Vital aos ombros

O candidato socialista sofre de um problema crónico na sua campanha que é o de nos grandes eventos de rua existir uma frente de repórteres de imagem que o tapa do campo de visão dos eleitores. Não é só a Vital Morei-

ra que isso sucede pois ainda ontem Jerónimo de Sousa mais não dava que um aperto de mão e uma boa tarde por entre as frestas das câmaras fotográficas e de filmagem e nem se descortinava Paulo Rangel e Manuela

Freira Leite na marcha social-democrata na Rua de Santa Catarina. No entanto, os organizadores da campanha socialista já inventaram uma forma de mostrar Vital Moreira ao mundo e, nas duas gran-

### MEP. Laurinda Alves desvaloriza sondagens

Laurinda Alves, candidata do Movimento Esperança Portugal (MEP) às Europeias, desvalorizou ontem em Peniche o facto de não aparecer nas sondagens divulgadas e mantém a esperança em ser eleita para o Parlamento Europeu. "As sondagens não dizem tudo e como cada voto conta vamos ter de esperar até o último voto ser contado", afirmou.

### PPM. Partido defende integração da Turquia na UE

O cabeça-de-lista do Partido Popular Monárquico (PPM) às eleições europeias, Frederico Carvalho, visitou ontem a Mesquita Central de Lisboa, onde defendeu a integração da Turquia na União Europeia, pois "não há que ter medo do Islão". O cabeça-de-lista do PPM disse lembrou que "ser português é respeitar e integrar as diferentes culturas religiosas".

### MRPP. Apelo ao 'voto de protesto' contra Governo

Simple panfletos, com o manifesto às eleições europeias, serviram ontem para o cabeça-de-lista do PCTP/MRPP apelar ao "voto de protesto" contra o Governo junto dos trabalhadores da OGMA, em Alverca. Orlando Alves aproveitou para relembrar as propostas do PCTP/MRPP que exige que sejam aplicadas 30 horas de trabalho semanais e um salário mínimo europeu.

### Debate. Confronto final dos principais cabeças de lista

Os cabeças de lista dos cinco partidos que têm assento no Parlamento Europeu vão enfrentar-se hoje pela última vez num debate que será transmitido em directo às 11h00 na Antena 1 e inferido às 22h00, na RTPN. Este debate entre Vital Moreira (PS), Paulo Rangel (PSD), Ilda Figueiredo (CDU), Nuno Melo (CDS) e Miguel Portas (BE) será a última oportunidade para estes exporem as suas ideias publicamente.



Miguel Portas falou muito da banca



**BE.** O Bloco de Esquerda contou com a energia de Miguel Portas e com o uso e abuso de temas como a crise do BPN. Sempre com Francisco Louçã a aparecer nos momentos-chave

## BE apela ao voto de quem se sente "enganado" pelo PS

■ EVA CABRAL

Quinze dias de campanha eleitoral para, tal como todos os partidos, lutar contra a abstenção e conseguir um bom resultado, apesar de o BE assumir claramente que "há vida e luta para além do voto".

Já a pensar nos próximos passos deste ciclo eleitoral Miguel Portas, o cabeça-de-lista bloquista ao PE, frisa que dia 7 de Junho "o voto é uma forma de luta para mudar as nossas vidas", mas garante que independentemente dos resultados nas urnas o BE está disponível para continuar o tal trabalho de "formiguinha" que os levou nos últimos

anos a muitas escolas, empresas "e à tal rua" onde os portugueses que sofrem e que lutam lhes ensinam muitas coisas.

No comício de Faro onde o líder do BE, Francisco Louçã, fez uma intervenção particularmente inspirada, dirigiu-se directamente aos eleitores que votaram no PS há quatro anos, para deixar a mensagem de que quem sente que foi "enganado" pelo executivo de maioria socialista deve votar agora nos bloquistas. Num apelo directo ao eleitorado socialista afectado pela crise económica e social, Francisco Louçã explicou que se dirigia àqueles que deram a maioria absoluta a Sócrates

nas últimas eleições, "porque é deles que vai depender a resolução destas eleições e das próximas". Do resultado de domingo depende, diz Louçã, a possibilidade de uma "esquerda grande, que retire do poder quem tem governado mal". ■

**a 'gaffe'** Portas nem sempre conseguiu dar o número exacto que a CGD já "enterrou" no BPN.

**o lema** "Justiça na Economia" foi não só o lema mas a orientação global de toda a campanha eleitoral.

**o momento** Miguel Portas encontrou Paulo Portas, o irmão, na área de serviço da Mealhada.



**CDS.** O presidente centrista esteve omnipresente nesta campanha. Quando o cabeça de lista, Nuno Melo, teve de ausentar-se, sobretudo por causa da comissão do BPN, Paulo Portas já lá estava. E nunca saiu

## Um trunfo chamado BPN e o ensaio das legislativas

■ LUÍS NAVES

O CDS assumiu desde o início que estas eleições europeias eram na realidade o primeiro ensaio das legislativas de Outubro. O partido de Paulo Portas esforçou-se por fazer um discurso de crítica dura ao governo e, ao mesmo tempo, gastou argumentos a demarcar-se dos seus rivais social-democratas. Os dirigentes centristas mencionaram o problema do voto útil dos eleitores de direita no PSD e, neste caso, não escondiam o desconforto com as sondagens que pareciam revelar esse mesmo efeito.

Com uma campanha barata, mesmo para os padrões modestos destas europeias, o CDS apresen-

tou um cabeça-de-lista jovem, Nuno Melo, que é um especialista em justiça e pouco falou de Europa. A grande excepção comunitária foi o tema inócuo da adesão da Turquia, à qual os centristas colocam reservas. De resto, Nuno Melo aproveitou sobretudo um aparente erro de Vital Moreira, cuja referência a um imposto europeu foi extensamente comentada. Falou-se também de fundos comunitários, mas numa perspectiva de crítica ao governo, pois o CDS afirma que este não aproveitou devidamente as verbas de Bruxelas.

Numa campanha sem incidentes, com muitas acções de rua e quilómetros andados, o CDS jogou um trunfo na circunstância de Nuno

Melo ter ganho visibilidade na comissão de inquérito ao caso BPN.

Nos últimos dias da campanha o CDS divulgou um documento sobre a investigação e não se cansou de reclamar ruidosamente pelo dia seguinte às eleições para se realizar a audição parlamentar do governador do Banco de Portugal. ■

**a 'gaffe'** Paulo Portas chegou 17 minutos atrasado a uma empresa em Leiria e foi repreendido pelo dono.

**o lema** "A esquerda defende impostos, impostos", o CDS "defende emprego e trabalho".

**o momento** Divulgação de parecer de Constâncio sobre o BPN fez brilhar Nuno Melo.

## Recusa das campanhas cruzadas

O cabeça-de-lista do BE às europeias, Miguel Portas decidiu recusar ontem o "circo" do previsto encontro de caravanas de campanha na Rua de Santa Catarina, no Porto, frisando "que as arruadas do Bloco servem para ouvir as pessoas num contacto directo que nada tem a ver com o espectáculo que estava em preparação".

A arruada bloquista cumpriu-se assim na rua de Cedofeita, também no centro da invicta, onde a crise económica faz as montras das lojas encherem-se de saldos, muitas vezes a preços tão baixos que são o reflexo do desespero dos comerciantes que lutam contra a falta de clientes provocada pela crise económica e pela agressividade das grandes superfícies. Foi com a crise como pano de fundo que Francisco Louçã foi incentivado a participar na assembleia da República em mais debates por um popular que frisava ouvi-lo sempre com atenção. "Não faltarei, luto sempre" garantiu o líder bloquista. ■ E. C.

● **positivo Circo**

Miguel Portas teve toda a razão ao evitar o encontro de caravanas na rua de Santa Catarina, um "circo" para as televisões, que marcaram directos especiais.

● **negativo Cedofeita**

O BE/Porto já estava reunido no início da rua antes de chegarem os candidatos verificando-se que sem as "caras" conhecidas entregar propaganda é bem mais difícil.

## Calamidade de quem produz leite

Há um sector da economia onde num ano o preço da unidade pago ao produtor baixou 40%. Alguns factores de produção subiram 50%. Esta calamidade não está a acontecer nas áreas associadas à crise económica, como construção civil ou serviços financeiros. Isto acontece na produção de leite. Os números foram adiantados numa sessão pública na cooperativa dos agricultores de Famalicao (Fragicoop), onde a caravana eleitoral do CDS, em aceleração de recta final, fez ontem uma pequena mas significativa paragem. Joaquim Azevedo, presidente da cooperativa, afirmou na ocasião que estavam em causa 100 mil empregos e "que será muito difícil recuperar da catástrofe". Era genuína a indignação dos produtores em relação ao ministro da Agricultura, Jaime Silva. O CDS aproveitou para fazer um

VEJA MAIS

**ON .PT** Vídeos

- ▶ Apelo ao voto nas eleições vem do espaço
- ▶ Artista de Barcelos critica políticos que "cantam de galo"





### Cláudia, o rosto jovem ao lado de Ilda

des iniciativas de ontem no Porto, sempre que o candidato era submerso lá havia uns carolas que o punham aos ombros e o cabeça de lista passava a estar a nível bem superior que as outras cabeças. Assim, Vital era positivamente levado "em ombros"...

Ao lado de Ilda Figueiredo, na recta final da campanha, surgiu o rosto jovem de Cláudia Madeira, que aos 29 anos é uma das 16 mulheres que compõem a lista da CDU. Licenciada em Românicas, Cláudia não é novata nestas andanças - já tinha estado na lista da coligação em 2007 às eleições intercalares para a autarquia de Lisboa. Membro do Partido Ecologista "Os Verdes", a jovem puxou da cartilha ecologista no seu discurso no comício da Amadora. Mesmo tímida, saiu-se bem.



**CDU.** Os comunistas quiseram fazer das eleições europeias o primeiro episódio do protesto, que pretendem levar até às próximas eleições legislativas. Jerónimo de Sousa, ao lado de Ilda Figueiredo, esteve muito presente

## Quinze dias a querer ganhar o voto de esquerda nas ruas do País

MIGUEL MARUJO

A cabeça-de-lista Ilda Figueiredo disse-o todos os dias, a candidatura bateu na mesma tecla em fazer destas eleições a primeira etapa de um voto de protesto que quer mudar as políticas "de direita" do Governo de José Sócrates.

Jerónimo de Sousa assumiu-o, ontem, de novo. "O Governo e o PS estão preocupados. Resolveram transformar a CDU no adversário principal porque sabe que esta força imensa pode contribuir para uma alternativa, uma ruptura e uma mudança." O secretário-geral insiste que "eles têm medo da acção de luta, de uma proposta de mudança".

Desde 23 de Maio, depois da marcha que reuniu 85 mil pessoas em Lisboa, que a coligação se sentiu embalada no discurso e nas acções de rua. "a gloriosa marcha", segundo Jerónimo, expressão que de-

pois foi decalcada por muitos dos oradores das acções da CDU.

Estas eleições são a primeira etapa, vai dizendo Jerónimo, de cada vez que se junta à cabeça de lista da CDU, para assinalar que os três actos eleitorais do ano "podem terminar com esta política".

Agricultores, pescadores e trabalhadores de diferentes sectores, jovens, mulheres e reformados são o mote para as intervenções dos candidatos. Mas também quando se fala de autarquias, debita-se um programa eleitoral. **Serviço especial DN/24 Horas** Não há uma "gaffe", daquelas clássicas, nesta campanha da CDU.

**o lema** "A CDU avança com toda a confiança". O que se sentiu nas acções de rua e nos comícios.

**o momento** A marcha de 23 de Maio, no fim-de-semana que abriu a campanha, embalou a coligação.



Ilda Figueiredo teve um dia difícil em Gondomar

### "Deitar bem" o voto na foice, no martelo e na flor

"Olá meu amor, é na senhora que eu vou deitar, nunca detei antes, mas desta vez vou." Ilda Figueiredo agradece e ensina como é que se pode "deitar bem": "É o segundo da lista, com a foice e o martelo e a flor-zinha." A candidata da CDU insiste. "É preciso explicar, para quem vai votar pela primeira vez", diz. Estamos na feira de São Cosme, em Gondomar, no penúltimo dia de campanha, Ilda Figueiredo leva à prática a ideia de que "todos votam contam".

Duas mulheres com reformas inferiores a 100 euros, outra que se viu no desemprego há três anos, com o fecho de uma fábrica de cablagem - a cabeça de lista comunista aproveita para o apelo final: "É já domingo, não se esqueça de ir votar, no

domingo o voto é na CDU. Dê-nos força."

O saudosista dos tempos de Salazar é que não dará força, nem a Ilda, nem a nenhum outro, "não voto em ninguém, desde que o durão foi para Bruxelas, senti-me traído", lamenta-se o homem.

No porto, ao final da tarde, a CDU sonha com mais votos. Jerónimo diz-se emocionado: "encontramos este ambiente caloroso..." ■ M. M.

#### positivo Apelo forte

"Mar de gente". A arruada no Porto deu tradução a uma expressão usada todos os dias pela CDU.

#### negativo Seguranças

Pelas ruas da Invicta, os candidatos comunistas viram-se obrigados a ser protegidos por seguranças.



Nuno Melo deu ontem muita atenção à agricultura

violento ataque à política agrícola do governo e ao que classifica de atrasos na concessão dos fundos comunitários. ■ L. N.

#### positivo Jogar em casa

Nuno Melo jogou em casa e visitou o seu distrito, mostrando-se visivelmente mais à vontade do que é costume.

#### negativo Trocar nomes

As várias sondagens teimam em não fazer o CDS/PP descolar de valores mediocres.

### conta-quilómetros

	distância real	valoração política
Paulo Rangel	344 km	80 km/h
Vital Moreira	345 km	80 km/h
Miguel Portas	330 km	90 km/h
Nuno Melo	330 km	120 km/h
Ilda Figueiredo	443 km	100 km/h

O conta-quilómetros inclui a distância real que cada candidato percorreu durante o dia anterior e a velocidade, que se trata de uma valoração política, atribuída pelos redactores que acompanham a campanha, e que reflecte o ritmo e a atitude do candidato no dia anterior.



José Adelino Maltez

### Pirro vencerá!

Quando o pelotão da campanha ainda continua em berraria, por causa do mensurável empate técnico, é natural o exagero de propaganda dos que esperam o falso sebastianismo de uma vitória ao sprint por um qualquer Pirro, do PS ou do PSD. Aliás, quase todos os outros povos das sete partidas da Europa têm atestado a mesma indiferença por uma entidade que quer assumir a democracia de um modelo, mas que é manipulada pela tecnoburocracia da comissão, enquanto, nos interstícios, se regressou claramente ao directório das potências, neste projecto europeu de muitas velocidades e tantas hipocrisias.

Embora se confirme que continuaremos o país mais hipocritamente à esquerda da Europa, sofrendo as agruras da desertificação dos restos de meritocracia, parece inevitável que, por cá, persistirão os estrategistas da derrota, clamando que o welfare dos outros vai subsidiar a preguia da nossa privatização de lucros, com nacionalização dos prejuízos, em regime de rotativismo de verboristas. A Europa do bismarckiano aparelho de poder, assente num formidável modelo de principado, está definitivamente usurpada por uma clandestina hierarquia neofeudal que esmaga as repúblicas. E a partidocracia multinacional, que aqui tem como simples secções o PS, o PSD, o CDS e o MPT, apenas confirma que estes feitores dos ricos são mais sintomas do que causas de entropia.

Os habituais caçadores de eurocépticos e anti-europeístas ficaram desempregados, face ao presente vazio de sonho e de ideia de Europa, pelo que apenas sentimos que, nestes falsos encontros mediados com os eleitores e contribuintes, a que chamam eleições europeias, são mais eficazes as espadas da barganha e da pressão, mesmo que desembainhadas desajeitadamente pelo propagandismo da cartilha situacionista da santa aliança do pensamento único, a que nos deu a falsa constituição europeia e o frustrado tratado do Mar da Palha. ■

Professor catedrático do ISCSF



ID: 25403573

05-06-2009

# A última sondagem

Socialistas têm ligeira vantagem sobre sociais-democratas. À esquerda, PCP vence BE; e, à direita, CDS perde um eurodeputado





ID: 25403952

05-06-2009

# Teixeira dos Santos nega qualquer culpa no caso BPP

**Ministro** tentou evitar clientes, mas acabou por lhes dizer que não é ao Governo "que devem pedir contas"



Teixeira dos Santos disse aos clientes do BPP que o aguardavam à porta do hotel que não aceita "actos de intimidação como este"

FÁTIMA MARIANO  
fmariano@jn.pt

O ministro das Finanças foi forçado a falar com clientes do BPP que o esperavam à porta de um hotel de Lisboa, onde participou numa conferência. Teixeira dos Santos recusou responsabilidades e disse não aceitar intimidações.

Foi um Teixeira dos Santos incomodado aquele que ontem acabou por falar com cerca de uma dezena de clientes do BPP que o aguardavam à porta de um hotel de Lisboa, onde o ministro participou no encerramento da conferência da Associação Portuguesa de Leasing e Factoring sobre o tema "Sistema financeiro português - Que futuro?". À chegada, o governante evitou

## Grupo de clientes do banco do Porto reforça protesto na sede em Lisboa

■ **Questões técnicas complexas**  
O presidente do BPP, Adão da Fonseca, esteve reunido, ontem de manhã, com elementos do Ministério das Finanças a resolver questões técnicas complexas", segundo disse aos clientes que permanecem em protesto na sede do banco, em Lisboa.

■ **Clientes do Porto protestam**  
Um grupo de entre 20 a 30 clientes do BPP do Porto eram esperados ontem na sede do banco, em Lisboa, onde desde terça-feira se mantêm vários clientes em protestos para exigirem a recupe-

ração do seu dinheiro. Prometem só desmobilizar quando tiverem uma resposta positiva da administração do BPP ou do Governo.

■ **Novo plano de recuperação**  
O "Diário Económico" avançava na edição de ontem que o novo plano de recuperação do BPP já está em andamento. Segundo este diário, o Governo terá convidado a Privado Holding e a administração do BPP a apresentarem um novo plano de viabilização, de acordo com o qual o BPP será mais um banco de recuperação de empresas.

os clientes do BPP entrando de carro directamente na garagem do hotel. No final, tentou a mesmo, mas os manifestantes barraram-lhe a saída, o que obrigou o carro a recuar e os seguranças do hotel a tentarem, sem êxito, evitar o protesto. Quando tudo parecia ter acabado e alguns clientes se preparavam para desmobilizar, repararam que o ministro estava à porta do hotel.

Teixeira dos Santos foi, então, forçado a escutar as queixas e a responder. Negou qualquer responsabilidade do Governo no caso, dizendo que "não é ao ministro que têm que pedir contas, mas ao banco". "Quem tem que assumir as responsabilidades são os accionistas do banco. O Governo não pode estar a comprometer os interesses dos contribuintes cobrindo irregularidades e eventuais fraudes", sublinhou.

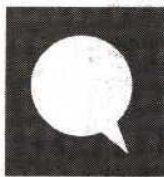
O ministro das Finanças assegurou ainda querer ajudar as autoridades a resolver o problema, mas deixou um aviso: "Não posso aceitar actos de intimidação como este. Não ajuda nada o espectáculo que está aqui montado para as televisões. Não é assim que se resolvem os problemas".

**"O Governo não pode comprometer os direitos dos contribuintes e cobrir irregularidades e fraudes"**

Quando questionado sobre por que razão os clientes do BPP estão a ser tratados de forma diferente dos do BPN, Teixeira dos Santos não deu resposta. Disse apenas: "Só será dito alguma coisa no momento em que houver alguma coisa para dizer".

Embora não satisfeitos com as respostas do ministro, os clientes do BPP acabaram por dispersar. "Foi um acto de desespero. Vamos continuar a aguardar que nos seja dada uma resposta positiva por parte da administração ou do Governo", disse, ao JN, Germana Relógio, uma das clientes lesadas.

Depois de o ministro ter abandonado o hotel e de a maioria dos manifestantes ter regressado à sede do BPP, onde se mantêm em protesto, três dos clientes acabaram por interpelar Fernando Ulrich, presidente do BPI, que passava por acaso no local, e que acabou por aconselhá-los a falarem com os partidos com assento na Assembleia da República. ■



# Lendas e narrativas (II)

## Opinião



**NUNO ROGEIRO**  
COMENTADOR POLÍTICO

**H**á realidade e ficção, na aventurosa visita de Obama ao Médio Oriente, nas eleições europeias, nos casos que empecilham a política portuguesa. Todos os presidentes americanos promoveram um “novo começo”. Obama voltou a fazê-lo, na Universidade do Cairo. Mas houve uma diferença: o orador parecia acreditar verdadeiramente no que dizia.

Não me lembro de ver um chefe de Estado americano lembrar a sua origem cristã, num estado islâmico, ao mesmo tempo que se referia ao “sagrado Corão”.

Não me lembro de ver um chefe de Estado americano, sobretudo democrata, afirmar que os EUA não pretendem exportar um modelo político determinado, a qualquer país do Mundo, e que cada um deve governar-se segundo a sua história, tradição e vontade nacional.

Não me lembro de ver um chefe de Estado americano “quadrar o círculo”: isto é, advogar um mínimo ético para toda a humanidade, sem renegar essa promessa de não impor um sistema.

Não me lembro de ver um chefe de Estado americano afirmar que o “Islão faz parte dos EUA”, do seu passado e do seu presente.

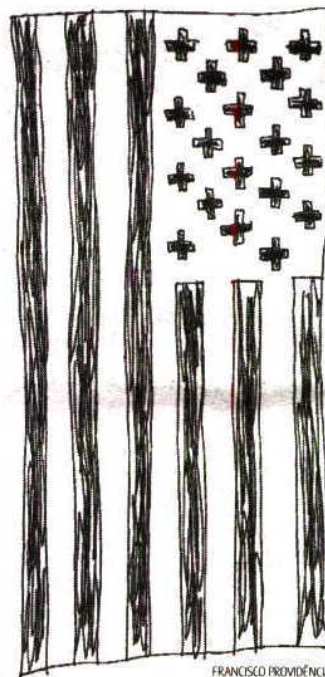
Não me lembro de ver um chefe de Estado americano advogar um Mundo sem armas nucleares.

Quando à necessidade de um estado palestino, ao lado de uma nação israelita, houve mais reiteration do que novidade. O mesmo sobre Teerão: não se falou no convite (o primeiro em 30 anos) a representantes iranianos, para o dia nacional dos EUA.

Mas o gesto será feito, embora sujeito à discrição de cada embaixada no Mundo: a directiva do Departamento de Estado diz que, para o 4 de Julho, a missão em causa “pode convidar” iranianos. Não diz que “tem de convidar”. O grão de sal está lá.

Obama, que tocou todas as teclas certas para um público muçulmano, lembrou ainda que, no capítulo das lendas, convém não desviar a narrativa: assim como é errado ver o Islão sob um estereótipo, é errado que o Islão veja o Ocidente estereotipado.

Nas eleições europeias, é mais que sabido que, não havendo consequências políticas internas do sufrágio (embora se fale outra vez em remodelação executiva), e estando-se perante uma espécie de “jogo amigável”, ou “particular”, é o primeiro momento



FRANCISCO PROVIDÊNCIA

para contar baionetas.

Sendo certo que a revolta contra as políticas públicas se fará sentir, provavelmente espalhando os votos da velha maioria entre quatro ou cinco partidos, torna-se crucial, para qualquer mudança, julgar a soma dos votos de PP e PSD.

Parecem estes os únicos capazes de um governo alternativo. PCP e BE fizeram boas campanhas, mas não são associáveis entre si, e não são associáveis ao socratismo. Estão assim, apesar das lendas, fora da zona de governabilidade.

Nada disto lhes retira brilho, legitimidade, possibilidade de crescimento. Mas a alternativa ao PS, a haver, não virá desta “esquerda”.

Por fim, os “casos”: do BPN ao Freeport, o que parece mais confrangedor é o clima de “subentendido”. Há sempre uma mensagem oculta, geralmente ameaçante, em tudo o que os agentes políticos dizem.

Por isso é que precisamos de uma entidade judiciária, independente.

Costumamos chamar-lhe “tribunal”. Não é, ou não era, uma lenda. Mas a sua narrativa anda deteriorada.

**P.S.:** Há 20 anos, quando caía o Muro de Berlim, a China ensanguentava-se na Praça Tienamen.

Mostrando que cresce, que se liberta, que muda, Beijing não deve ter medo de deixar relebrar este sinistro passado. A absoluta cegueira de Li Peng, e a relativa coragem de Jiang Zemin deviam, por exemplo, ser mais conhecidas.



Ferreira Fernandes

## PS, PSD e SLN/BPN

Ontem, o jornal *Público* revelou a tentativa de "recrutamento de figuras socialistas" para o grupo financeiro SLN/BPN. O jornal lembrou a génese do grupo SLN/BPN, "uma facção do PSD, constituída por ex-membros dos governos de Cavaco Silva e de Durão Barroso." E fez a lista: à cabeça Oliveira e Costa e Dias Loureiro, mas também Daniel Sanches, Lencastre Bernardo, Rui Machete, Joaquim Coimbra, Arlindo Carvalho, Gilberto Madaíl... Todos da mesma "facção do PSD." Finalmente, o jornal revelou que o SLN/BPN, há anos, pensou sondar socialistas para entrar para o grupo: Vera Jardim, João Cravinho, Augusto Mateus, Fernando Castro e Alberto Costa. Temos, pois, um facto: a facção do PSD no SLN/BPN. E temos uma tentativa que não passou disso: enrolar socialistas no SLN/BPN. Terá havido membros do PSD convidados para chafurdar no caso Emáudio? Não sei, o que eu sei é que aquilo foi uma trifulhice ligada a alguma gente do PS. Se me dão licença, o SLN/BPN, até agora, está ligado a alguma gente do PSD. Já me chega a sujeira factual, para me dedicar à que poderia ter sido. ■



# A honra dos políticos

**E**m 17 de Novembro de 2003, o doutor Cavaco Silva procedeu à venda de umas acções da SLN de que era titular. O valor da venda foi o praticado em muitas outras transacções de acções da SLN naquela data. O negócio foi realizado cerca de dois anos e meio antes de o doutor Cavaco Silva ter assumido funções como Presidente da República. Isto é, trata-se de um negócio perfeitamente lícito realizado num momento em que o doutor Cavaco Silva não exercia quaisquer funções políticas. Por isso, é absolutamente ilegítima a sombra que se quer lançar sobre a honrabilidade do Presidente da República.

É certo que o poder político tem permitido o enriquecimento ilícito de alguns. É também certo que a imprensa tem um papel fundamental na denúncia dessas actividades ilícitas. É ainda certo que os cidadãos têm o direito a serem livremente informados de toda a verdade, doa ela a quem doer.

Mas a associação do nome e do cargo do Presidente da República a actividades ilícitas é manifestamente ilegítima. Nada justifica semelhante ataque ao nome e ao cargo do Presidente da República. Com semelhante ataque é a democracia que fica desprestigiada. Quando se ataca o nome e o cargo do Presidente da República é Portugal que é atacado, é o bom-nome do nosso país que é atacado. Não é a maioria política que esteve na base da eleição do Presidente da República que é atacada. São todos os portugueses representados no seu mais elevado representante que são atacados.

Assim, a liberdade de expressão deixa

de ser o bastião defensivo da democracia, ela transforma-se no elemento mais corrosivo da própria democracia, atingindo a torto e a direito os políticos, incluindo o mais elevado magistrado da Nação. Esta forma de proceder tem um efeito nefasto previsível, que é o de promover os discursos extremistas e demagógicos. A promoção da demagogia é, aliás, facilmente

constatável na sociedade portuguesa, pululando as insinuações e acusações contra os políticos no discurso de alguns responsáveis da sociedade civil e até de certas organizações profissionais.

Mais grave ainda: as suspeitas infundadas atiradas para a praça pública alimentam objectivamente a descrença do cidadão comum nas instituições democráticas. Estas suspeitas são por vezes transmitidas de forma directa e descarada, outras vezes de maneira subliminar e difusa, mas quase sempre são lançadas para o público através de "frases assassinas", como um grande jornalista da CNN, Anderson Cooper, já lhes chamou. Estas suspeitas têm um efeito demolidor da autoridade moral e da credibilidade política da figura do visado. É bem verdade que uma carreira impoluta de longos anos de serviço à causa pública pode ser facilmente desbaratada por uma dessas frases assassinas, cujo dano nem a mais choruda indemnização verdadeira-



Paulo Pinto de Albuquerque

**A associação do nome e do cargo do Presidente da República a actividades ilícitas é manifestamente ilegítima**

mente repara. Depois de lançada, a nódoa é quase sempre irreparável aos olhos do cidadão comum. Como queremos ter os cidadãos a votar e a intervir na vida política se a imagem dos políticos transmitida diariamente é a de gente interesseira e perversa, como se todos os políticos se medissem pelo mais baixo estalão ético?

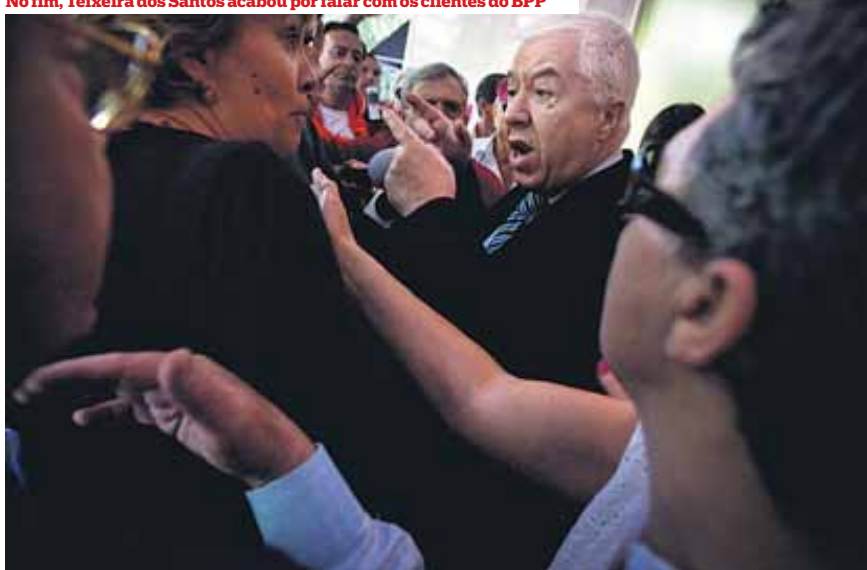
Em suma, a realidade mostra que chegou

a hora de repensar os limites da liberdade de expressão, porque os limites esfumam-se quando se trata de sindicância da vida dos políticos. É imperioso repor as coisas nos seu lugar próprio, o que se consegue com a devida contenção e bom senso. É necessário relembrar esta verdade lapalissiana de que não há democracia sem políticos e sem partidos políticos. E que os políticos têm tanto direito à honra como tem o cidadão comum. O escrutínio da vida dos políticos pela imprensa e pelo cidadão comum não pode ser um meio instrumental para maltratar e denegrir infundadamente pessoas com funções políticas, que são gente de carne e osso como todos nós, cidadãos comuns. E que, como nós, também se sentem quando alguém injustamente lhes atira à cara insinuações e suspeitas. ■

Professor de direito  
palbu@fd.lisboa.ucp.pt

No fim, Teixeira dos Santos acabou por falar com os clientes do BPP

NUNO FERREIRA SANTOS



## Depois de três fugas, clientes do BPP “apanharam” o ministro

Ana Rita Faria

Teixeira dos Santos aceitou falar aos clientes que lhe fizeram uma “espera”, mas negou recebê-los em reunião

● Esperas à porta, entradas fortuitas pela garagem e fugas apressadas. O confronto de ontem entre duas dezenas de clientes do Banco Privado Português (BPP) e o ministro das Finanças poderia encaixar num policial. Mas, no final, Teixeira dos Santos acabou por aparecer aos protestantes e ouvir as suas queixas. Ainda que tenha recusado atender ao seu principal pedido: recebê-los em reunião. A justificação? “A responsabilidade não é minha, é do banco.”

“Custa-me ver um ministro a fugir pela parte de trás como se tivesse medo das pessoas que lhe pagam o salário”, desabafa Ruy Ribeiro, um dos clientes BPP em protesto na sede do banco desde terça-feira contra o prolongamento do congelamento das contas. Decididos a “apanhar” o ministro antes do evento onde ele ia participar no Hotel Tivoli em Lisboa, os clientes do BPP postaram-se à por-

ta do edifício à espera da chegada de Teixeira dos Santos. Mas este trocou-lhes as voltas, entrando pela garagem nas traseiras do hotel.

Quando os clientes se aperceberam de que o ministro estava já na conferência, decidiram fazer-lhe nova “espera”, desta vez à porta da garagem. Mal o carro onde circulava Teixeira dos Santos assomou à entrada, o furor começou. “Dê-nos o nosso dinheiro”, exclamava um dos protestantes. “Ponha-se na nossa posição”, gritava outro. Sem efeito. A viatura começou a fazer marcha-atrás. Os clientes revoltaram-se e tentaram furar entre os seguranças para entrar na garagem.

### Ministro recusa reunião

Quando os protestantes já se preparavam para desmobilizar, convencidos de que o ministro teria ido por outra saída, Teixeira dos Santos assoma à porta do Hotel Tivoli para falar com os clientes do BPP.

“Quem vos deve dinheiro é o banco, por isso, se foram roubados, vão aos tribunais”, começou por dizer Teixeira dos Santos. O ministro negou receber os clientes em reunião, tal como vinha a ser pedido nos últimos dias, alegando que isso seria dizer que a responsabilidade era dele.

“Se um banco vende produtos que não declara, que esconde das autoridades e não tem capitais necessários para cobrir as responsabilidades, é aos accionistas do banco que têm de pedir satisfações”, explicou Teixeira dos Santos, adiantando que “o Governo não pode comprometer os interesses dos contribuintes para cobrir situações duvidosas e fraudes”.

“É muito fácil lavar as mãos”, exalta-se Maria José, que não compreende porque é que “os clientes do Banco Português de Negócios (BPN) tiveram o seu problema resolvido tão rapidamente e os do BPP não”. Os clientes do banco prometem não desmobilizar até ver resolvida a situação e passaram ontem mais uma noite na sede do banco. Hoje é o quarto dia de protesto e os clientes esperam receber reforços do Norte do país, à sementeira do que aconteceu ontem.

Depois da conversa com o ministro, os clientes do BPP interpelaram ainda Fernando Ulrich, presidente do BPI, que estava a passar à frente do Hotel Tivoli. O gestor, que defendeu na terça-feira que o Estado deveria comprar os títulos dos clientes, aconselhou-os a falarem com os líderes partidários, de forma a exercer pressão sobre o Governo.



Europeias 2009 Partidos gastam os últimos trunfos

# Folclore da campanha concentrado na Baixa do Porto

Santa Catarina foi o palco das acções do PS, PSD e PCP. Tudo foi feito para se evitarem encontros. Nada se fez para que surgissem discursos novos

Margarida Gomes e José Augusto Moreira

● Não chegou a haver encontros ou cruzamentos, mas as comitativas partidárias escolheram a Rua de Santa Catarina, em plena Baixa do Porto, para placa giratória das suas campanhas. “Em barulho eram todos iguais, mas em povo quem mais tinha era a CDU.” A avaliação do proprietário de uma das pastelarias da mais conhecida artéria comercial da cidade confirma a tradicional capacidade de mobilização dos comunistas, que foram também os únicos a conseguir cumprir o horário anunciado.

Com mais de meia hora de atraso, o cabeça de lista do PSD entrou no histórico Café Magestic, onde o esperavam alguns familiares e dirigentes locais do PSD. Antes da chegada de Rui Rio e Manuela Ferreira Leite, que foram precedidos por José Pe-



José Pedro Aguiar Branco ficou com o papel de mestre de cerimónias a quem coube a apresentação de Rangel ao povo

dro Aguiar Branco, o candidato teve ainda tempo de comentar as últimas sondagens.

Apesar da satisfação pelos números que colocam o PSD ombro a ombro com o PS, Paulo Rangel optou por recomendar “alguma prudência” na sua leitura. “Há uma sondagem que nos dá a vitória, outra dá vantagem ao PS e ainda outra que aponta para um empate técnico”, observou, notando que “são sondagens contemporâneas e com resultados diferentes”, o que demonstra a dificuldade de avaliação numas eleições em que a taxa de abstenção costuma ser elevada. Apesar de tudo, disse, “os números deixam-nos muito confiantes e mostram que temos possibilidades de ganhar”.

Com o ritmo marcado pelos bombos e pelos hinos entoados pela claque da “jota”, a comitativa fez-se à rua, despertando quase sempre mais curiosidade que entusiasmo. A líder do partido e Rui Rio eram os mais solicitados, mas Aguiar Branco revelou-se decisivo no papel de mestre de cerimónias, “puxando” diligentemente pessoas do passeio para lhes apresentar “o nosso cabeça de lista”.

Colocado perante a possibilidade

de se cruzar com o candidato socialista, Rangel aproveitou para repisar a questão do debate televisivo recusado por Vital Moreira. “Terei o maior gosto em cumprimentá-lo, até porque há entre nós alguma empatia pessoal, mas o que eu gostaria mesmo era de o encontrar na televisão, para o que não se mostrou disponível”, atirou.

### Todos ao longe

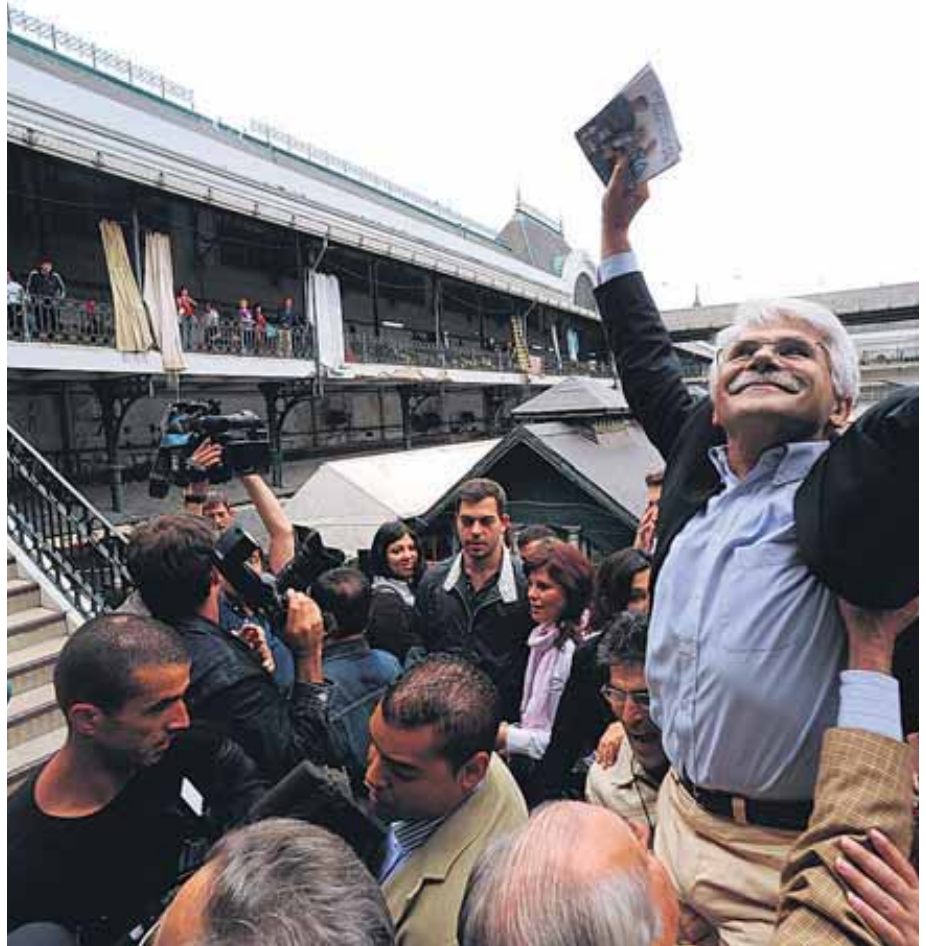
Afastada a perspectiva de cruzamento de caravanas, a única dúvida foi mesmo quanto à forma de passar o camiã da CDU, que estava atravessado no meio da rua para pouco depois servir de palco ao minicómicio dos comunistas. Depois de ultrapassada a CDU “pela esquerda” como ordenou o líder da distrital do Porto, Marco António Costa, seguiu-se a passagem pelo Bolhão, àquela hora fechado. Rio e Ferreira Leite ainda se detiveram em conversa numa loja da parte exterior do mercado, mas a marcha seguiu depois sem grandes sobresaltos pela Rua de Sá da Bandeira e Avenida dos Aliados até às imediações da Câmara do Porto.

Quando chegou a Santa Catarina, a comitativa do PS trazia já uma hora de atraso e Vital estava determinado a passar no teste de popularidade que tinha pela frente. Mal a caravana arrancou, o cabeça de lista do PS às europeias deparou-se com uma enorme surpresa: a sua sobrinha Mariana apareceu na sua frente para lhe dar um abraço. Vital ficou deslumbrado.

Coberto pelas coloridas bandeiras (de Portugal, do PS e da União Europeia), que faziam de cenário à caravana, o candidato lançou-se na arruada, pedindo àqueles que o rodeavam para o deixarem ver as pessoas, porque era para isso que estava ali. “Deixem-me ver as pessoas”, clamava.

“Europa é? Vital!” gritavam alguns dos apoiantes que seguiam na caravana, que abria com o candidato, ladeado por Elisa Ferreira e pela atriz e mandatária Inês de Medeiros. Vital nunca chegou a pedir às pessoas com quem se cruzava para que domingo votem PS. Aqui e ali, os militantes puxavam pelo candidato, gritando “Vital, amigo, o povo está contigo”. Quando a comitativa estava a meio de Santa Catarina, o presidente da distrital do PS-Porto foi alertado de que a caravana da CDU, que, pouco tempo antes, tinha passado por ali, estava

Vital em ombros, no Mercado do Bolhão, onde os socialistas foram bem recebidos



Rangel com Rio e MFL ficaram-se pelo cenário de Santa Catarina

muito perto e que era preciso evitar “qualquer confronto”. Discretamente, Renato Sampaio pediu para que controlassem a situação para que as duas caravanas não se encontrassem.

A receptividade que a cidade dispensou ao candidato ficou aquém das expectativas que o próprio PS tinha. Já Elisa Ferreira, que é candidata à Câmara do Porto, foi alvo das atenções de algumas pessoas, que lhe dirigiram palavras de incentivo para o combate que vai travar em Outubro.

Empurrados por uma pequena multidão, Jerónimo de Sousa e Ilda Figueiredo chegaram ao pequeno palco montado em Santa Catarina com vontade de desafiar o PS. O líder comunista ainda tropeçou na subida, mas o apoio firme da cabeça de lista evitou precalço maior e Jerónimo lá disparou contra “o Governo e o PS, que resolveram transformar a CDU no principal inimigo”. “Têm medo da acção, da luta, desta força imensa que pode contribuir para uma alternativa.” Além de alertar, desde já, para a necessidade de “tirar a maioria absoluta” ao PS, Jerónimo de Sousa quis também responder à número dois da lista do PS, Edite Estrela, que, na véspera, tinha criticado Ilda Figueiredo por tentar esconder a sua candidatura à Câmara de Gaia. “Consegui manter o compromisso com a população de Gaia, mas ao mesmo tempo trabalho no Parlamento Europeu três vezes mais que a senhora deputada que a critica”, acusou Jerónimo.





**Os cabeças de lista dos cinco principais partidos vão hoje trocar argumentos no último debate da campanha na RDP e na RTPN. Com a moderação de Maria Flor Pedrosa, o debate passa na rádio às 10h15 e é transmitido na RTPN às 22h.**



FOTOS PAULO PIMENTA

## Uma campanha bem doméstica e pouco europeia

### Comentário



Manuel Meirinho

● O balanço que se pode fazer da campanha eleitoral para o Parlamento Europeu é o mesmo que se antecipava no seu início. No arranque, antevia-se uma campanha naturalmente parasitada pela luta política doméstica (tal como nos restantes países); naturalmente pouco esclarecedora para o eleitorado em matérias verdadeiramente europeias; naturalmente sem capacidade para atrair os eleitores ao voto e, também naturalmente, dispendiosa em termos de recursos públicos.

No fecho parcial da contenda a previsão confirmou-se. As veredas da política nacional suplantaram rapidamente a tentativa de abrir uma autoestrada para a Europa como quis Vital. O contexto da crise e a abertura de um longo ciclo eleitoral circunscreveram a arena do combate político às nossas fronteiras e declararam abertas as primárias para as legislativas de 2009. Vital foi forçado a descer aos terrenos que o rectângulo traça sob

pena de percorrer sozinho uma estrada que ainda não consta dos mapas da Europa. Os dirigentes partidários da oposição entraram rapidamente no confronto, não tanto entre eles ou em nome da Europa, mas em luta contra uma espécie de inimigo único: José Sócrates e o Governo socialista. Reagiu o primeiro-ministro e o aparelho do PS, governando e competindo: inaugurando feitos e lançando outros; pedindo - como pediu recentemente Vital Moreira - um voto de protesto à oposição. Assim se desenrolou a campanha até que, na sua fase final, se tornou infeliz. Todas as campanhas eleitorais tendem a gerar excrescências. A luta política, por defeito e feito dos seus actores, é propícia à destemperança. E ela surgiu, bem doméstica e pouco europeia, a propósito de muitos temas, sendo o caso da "roubalheira do BPN" e a associação (sem timidez) do acto ao PSD, por parte de Moreira, o exemplo mais paradigmático.

Não sobrou tempo nem espaço para a meditação sobre a Europa, nem para o esclarecimento de matérias tão simples como as da

cidadania e do funcionamento das instituições. É certo que se ensaiaram alguns passos no sentido do debate de temas europeus. Mas o ensaio não fugiu à complexidade e à abstracção que o tornou ininteligível ao comum dos eleitores.

É nesta encruzilhada que encontramos os eleitores. Desinteressados da polis europeia, das eleições e do voto; críticos da forma como os actores políticos actuam; incapazes de compreender porque alguns candidatos se parecem tanto com o deus Janus (uma face virada para um parlamento longínquo e a outra para uma edilidade próxima); atónitos com a facilidade com que os partidos que lhe pedem o voto se ajustam em acordos de proveito mútuo e com a dificuldade dos mesmos em dar continuidade atempada às instituições democráticas. A campanha nada fez para minorar estas e outras angústias do eleitor. A não ser as recorrentes e gastas declarações solenes dos candidatos sobre a importância cívica do voto e sobre a sua "genuína" preocupação em lutar contra a abstenção.

Quanto à incógnita inicial, Rangel surpreendeu. Mais assertivo, mais coerente, mais moderado. Ajudou, e muito, o PSD e Manuela F. Leite. Vital foi inconsistente, evasivo, destemperado. Não ajudou, em nada, o PS e José Sócrates.  
*Político. Professor no ISCSP*

*A luta política, por defeito*

*e feito dos seus actores, é*

*propícia à destemperança.*

*E ela surgiu, bem doméstica*

*e pouco europeia*

### Bloco de Esquerda

Miguel Portas também andou pela Baixa do Porto mas fugiu à Rua de Santa Catarina

Dada a concentração de caravanas à mesma hora (PS, PSD e CDU), o Bloco de Esquerda trocou ontem à tarde a Rua de Santa Catarina pela Rua de Cedofeita, a uma distância razoável, para fazer campanha. Lado a lado, Francisco Louçã e o cabeça de lista bloquista, Miguel Portas, pediram às pessoas para que no próximo domingo não deixem de ir votar. "Não desista de querer outra política", proclamava Miguel Portas que, a uma hora da arruada prevista para Santa Catarina, decidiu alterar o local da iniciativa de modo a afastar-se da concentração de candidatos.

A dois dias das eleições europeias, Louçã e Miguel Portas empenharam-se em convencer as pessoas de que "a abstenção não é solução" e que "no domingo devem dizer o que têm a dizer através do voto". "Andamos tão revoltados e tão tristes com esta política que faz-nos pensar duas vezes se, de facto, devemos lá ir ou não, isto é tudo a mesma coisa",



comentava em tom de desabafo um comerciante ao ser abordado.

Na recta final da campanha, o cabeça de lista do PCTP/MRPP, Orlando Alves, apelou ontem ao "voto de protesto" contra o Governo dos trabalhadores da Ogma, em Alverca.

Orlando Alves aproveitou para dar conta das propostas do PCTP/MRPP - as 30 horas de trabalho semanais e o salário mínimo europeu -, num cenário que invocava o primeiro filme exibido em público pelos irmãos Lumière (1895). O candidato do PCTP/MRPP estabeleceu como meta para domingo aumentar a votação do partido nas eleições para o PE.

A cabeça de lista do Partido Operário de Unidade Socialista (POUS) às europeias, Carmelinda Pereira, lamentou que haja "pessoas que ficam inibidas quando nós lhes dizemos se querem tomar uma posição pela proibição dos despedimentos.

Há aqui medo, foi-nos dito por trabalhadores que conhecemos, que estiveram aqui connosco", acusou.

### Jaime Silva alvo de todas as críticas

## Nuno Melo pede de novo voto dos agricultores

#### Margarida Gomes com Lusa

● Nuno Melo pediu ontem o voto aos cidadãos apresentando como troca "o trabalho feito". Falando em casa, na Cooperativa Agrícola de Produtores de Leite de Vila Nova de Famalicão, o cabeça de lista do CDS-PP voltou a assestar baterias no ministro da Agricultura, Jaime Silva.

No deve e haver do trabalho feito ao longo da actual legislatura que está a terminar, o deputado-candidato foi directo ao assunto e pediu o voto aos agricultores. "Sou candidato e estou em campanha eleitoral, mas apesar disso a nossa campanha não é de promessas, é de balanço. Queremos o voto dos agricultores pelo que fizemos", declarou, prometendo que no Parlamento Europeu não fará diferente.

Alvo preferencial das críticas da actual direcção do CDS, o ministro Jaime Silva - "o mais incompetente ministro da Agricultura desde que há memória em Portugal" - foi também criticado pelo próprio presidente da Frabricoop, Joaquim Azevedo. "Nestes dias, o ministro da Agricultura pe-

de aos agricultores que se associem. Nós vamos nos associar, mas para o pôr de lá para fora", disse.

Com casa cheia, o candidato contrariou a ideia de que em Portugal não vale a pena ser agricultor nem produzir porque "o que vem de França é mais barato". Com base neste pressuposto, então, "muita coisa teria que fechar as portas em Portugal". Ao lado do candidato, o presidente



Nuno Melo fez o balanço do trabalho feito em favor dos agricultores e pediu-lhes o voto nas eleições de domingo

do partido cavalgou a onda, considerando "uma estupidez social" desprezar a agricultura como disse estar a acontecer "nos últimos anos" em Portugal. "É um crime do ponto de vista económico e é um erro do ponto de vista ecológico e é uma estupidez do ponto de vista social desprezar a agricultura como em Portugal nos últimos anos tem acontecido em Portugal", declarou Paulo Portas.



## Europeias 2009 A campanha eleitoral vista pelos jornalistas do PÚBLICO

# Uma eleição mais virada para o BPN do que para a Europa

Os portugueses entram em manhã no período de reflexão. Se reflectirem sobre a campanha, o que lhes ocorre é um banco

● Até se falou de questões europeias. Pouco, mas falou-se. Mas quando Vital Moreira trouxe para a campanha "a roubalheira" do BPN e a associou ao PSD, todo à volta passou para segundo plano.

### Gaffes e desencontros

O PS arriscou escolher um não militante para cabeça de lista das eleições europeias e só isso atenuou as gaffes, provocações e desencontros que Vital Moreira protagonizou durante a campanha. Aliás, começou na pré-campanha, com o primeiro desencontro entre o candidato e Sócrates sobre o apoio a Durão Barroso.

Se os analistas tinham considerado que a pré-campanha não correria bem a Vital, até pelo seu desempenho nos debates - sobretudo com Rangel -, a poderosa máquina da campanha socialista deu outro alento à candidatura. Ganhou confiança, balanço e logo na segunda noite lançou a primeira bomba da campanha oficial: a defesa de um imposto europeu, aproveitada de imediato pelo ataque da oposição. Vital só conseguiu reagir dois dias depois, já munido do relatório Lamassoure, que não só lhe serviu para sustentar as suas opiniões, como para fazer ricochete das balas do PSD, partido que na Europa aprovou o mesmo documento em 2007.

Era quinta-feira, quarto dia de campanha, estava o staff a respirar de alívio e Vital larga uma autêntica bomba atómica política, em Évora. O comício sentado - como agora faz o PS, desde as clareiras que marcaram o comício de Coimbra com Sócrates e Zapatero - estava arrefecido quando o candidato solta a alma e associa a "roubalheira do BPN" ao PSD, ex-

gindo explicações de Ferreira Leite.

Um certo país tremeu. Destes assuntos não se costuma falar assim, ainda para mais quando há telhados de vidro. O PSD ficou escandalizado, parte do PS também e o candidato passou o dia seguinte em silêncio sobre o tema, mas à noite, na Marinha Grande, subiu de tom: "Não me calarei."

Mas calou-se, durante quatro dias. Sócrates voltava a entrar em cena, vieram os comícios de fim-de-semana e a campanha já não era a sua. Nos dois dias seguintes, foram Ana Gomes e dois ministros - Jorge Lação no Cartaxo, Santos Silva na TVI - que voltaram a pegar na ideia e só na quarta, num artigo no PÚBLICO e em Setúbal, Vital Moreira voltou a bater no "banco do PSD". Toda a pedagogia sobre a Europa ficava soterrada debaixo das polémicas.

Hoje, tal como ontem aconteceu, Sócrates volta a tomar as rédeas da campanha em arruadas e comícios, no Porto e em Lisboa. Vital volta a ser um figurante ao lado do personagem principal. Domingo se verá: se houver derrota, é do independente. Se for vitória, será de toda a gente.

### A pensar nas legislativas

O PSD "nacionalizou" a campanha europeia e ajudou a tornar as eleições de domingo numa espécie de primárias para as legislativas. E revelou mais um notável para a galeria de potenciais candidatos a líder - Paulo Rangel, presidente do grupo parlamentar e escolha pessoal de Ferreira Leite.

Durante mais de três semanas, Rangel calcorreou o país, fez da campanha uma tribuna contra o Governo e o primeiro-ministro, seu alvo principal, num programa em que a presidente do partido entrou cirurgicamente.

Ferreira Leite foi clara no comício de Viseu, quarta-feira. O objectivo não é "tirar votos", é "tirar o poder" aos socialistas. Não falou nas legislativas, mas estava implícito neste apelo ao voto útil, dizendo que apenas o PSD "está em condições" de derrotar o PS de



Vital ligou o PSD à "roubalheira" do BPN, que marcou a campanha



As europeias criaram mais um notável no universo do PSD

Sócrates. O debate aqueceu em torno do imposto europeu, defendido por Vital Moreira. E foi ensombrado pelo caso BPN, outro tema trazido para a campanha por Vital. Uma polémica que mereceu uma dura resposta da líder social-democrata, desafiando o PS a ter "coragem" de dizer o que sabe sobre o caso.

Nesta campanha, em que evitou (ou não conseguiu juntar) multidões, o PSD preferiu pequenas plateias ou encontros com grupos profissionais. Arruadas foram poucas, conhecida que é a aversão de Ferreira Leite às campanhas de comícios.

A campanha termina hoje com arruadas, de Rangel e Ferreira Leite, em Sintra, de manhã, e em Lisboa, à tarde, antes de uma festa no Mercado da Ribeira.

### Voto de protesto

Tentando fugir das picardias sobre políticas, Ilda Figueiredo foi fazendo uma campanha em que, com alguma

cadência, apresentava propostas concretas de âmbito europeu.

Em vez de promessas, Ilda preferiu sempre falar do trabalho feito pela CDU em Bruxelas. E repetiu à exaustão, alto e em bom som, que a CDU é a única a defender "sempre" os direitos dos trabalhadores. Por isso, reuniu-se com sindicalistas (teve mesmo Carvalho da Silva num grande almoço em Sacavém), ouviu agricultores e pescadores, andou pelas fábricas, mercados e ruas (com uma energia impressionante e trato afável), almoçou com trabalhadores das autarquias.

A sua argumentação foi muito baseada na ideia de que o voto na CDU é uma maneira de expressar o desagrado com o Governo PS e de o penalizar - piscando assim o olho aos indecisos extrapartido -, mas também que é preciso combater o PSD, já que ambos os partidos votaram alinhados muitas directivas.

Nesse sentido, aproveitou a marcha da CDU que juntou 85 mil pesso-

as em Lisboa na véspera do arranque da campanha, e a dos professores de há uma semana - já que Ilda é também professora. Bem tentou espicaçar os outros candidatos com a questão do novo ou antigo salário europeu, mas sem grande efeito.

Quase dia sim, dia não, Jerónimo deu um ar da sua graça nos comícios festa da noite - quando não estava com Ilda, andava também na rua noutros locais do país -, sobretudo para apelar de forma dramática ao voto e falar das promessas não cumpridas de Sócrates. Hoje, depois da típica arruada na Baixa lisboeta, encerram juntos a campanha, com um jantar comício, onde arrancou, no distrito de Setúbal.

### BPN como fundo

Com o caso BPN como pano de fundo, a campanha do CDS foi marcada pela austeridade em meios, mas não se poupou em críticas ao Governo ou até ao centrão (PS-PSD). Agricultura, segurança e economia foram os te-



Paulo Portas esteve sempre ao lado de Nuno Melo



Miguel Portas e o BE andaram nas europeias a pensar em ser um dia governo



**Ilda Figueiredo tentou captar o voto de protesto**

mas eleitos pelo CDS para fazer tiro ao alvo, sem esquecer o descontentamento dos professores. De fora ficaram os assuntos europeus, apesar de o CDS argumentar que tem insistido em questões como a baixa execução do QREN.

Mais tímido nos contactos pessoais, Nuno Melo soube capitalizar na campanha a sua participação na comissão de inquérito do BPN. Nas ruas, o seu à-vontade foi melhorando, mas não chega ao de Paulo Portas, que parecia também candidato nesta campanha. Incansável em beijinhos e cumprimentos, era o líder do partido que conduzia Melo nas ruas, em feiras e mercados, mas foi também surpreendido pela popularidade do candidato entre as mulheres.

Sem brindes para distribuir, a comitiva do CDS percorreu quilómetros reduzida ao mínimo e fez gala dessa opção. A pontualidade também não foi um ponto forte: fosse por Portas, ou Melo, os assessores repetiram vezes sem conta aos jornalistas e à restante comitiva "ele está a chegar".

No discurso do apelo ao voto, o líder e o candidato insistem em realçar o trabalho de oposição que desenvolveram ao longo dos últimos quatro anos. E de uma só vez querem que os eleitores castiguem o Governo PS, mas que também não premeiem o PSD. Com sondagens pouco favoráveis desde a pré-campanha, o CDS andou na estrada sem certezas se elege o número dois, Diogo Feio. E está a dar o tudo por tudo nas ruas nestes últimos dois dias para pelo menos conseguir pôr Melo em Bruxelas. Para hoje está marcada mais uma arruada no Porto e vai terminar com um jantar em Vila Nova de Gaia.

#### PAEC

Foi uma campanha tranquila, sem espalhafato, mas muito centrada em fazer passar a mensagem da importância destas eleições e dos próximos actos eleitorais. As europeias repre-

sentam para o BE o primeiro passo a caminho de uma nova versão do PREC (Processo Revolucionário em Curso), que neste caso pode ser designado como PAEC (Processo de Alternativa e Em Curso). O BE quer ser governo, está a preparar um programa eleitoral para as legislativas com esse objectivo, e os bloquistas já não escondem as suas ambições. O apelo "está na hora", que se ouviu repetidamente, vinca precisamente a necessidade de "acumular forças", como dizia antontem Fernando Rosas, para uma mudança de modelo liderada por uma "esquerda socialista, popular e alternativa".

Dez anos volvidos sobre a fundação do BE, o partido "está pronto" e "preparado", garantiu Miguel Portas, para assumir responsabilidades governamentais. Resta saber se sozinho ou em coligação. A primeira hipótese é, por ora, a mais ventilada - os bloquistas admitem que o percurso até ao poder pode ser moroso.

Mas acreditam que a "alavanca" para o PAEC está nestas eleições europeias. Por isso sublinharam esta mensagem ao longo de toda a campanha, alternando-a com discursos centrados no desemprego, nas reformas, no ensino público e na Europa. Para além da urgência em veicular a ideia de que o BE pode vir a ser governo, a campanha foi para rua com um outro objectivo: reeleger Miguel Portas e eleger Marisa Matias, número dois na lista. O BE está confiante, mas não descarta a possibilidade de vir a ser prejudicado pela abstenção. Francisco Louçã fez notar isso mesmo, desvalorizando o bom resultado atribuído ao BE por algumas sondagens (cerca de 12 por cento). O encerramento da campanha vai decorrer em Braga, com um comício, a partir das 21h30, na Avenida Central; à tarde, o BE fecha o roteiro das arruadas em Guimarães, no Largo do Toural.

**Leonete Botelho, Nuno Simas, Maria Lopes, Sofia Rodrigues e Maria José Oliveira**



Campanha na Europa **Eleitores deverão castigar partidos no poder**

# Favoritismo do Partido Popular Europeu aproxima Durão Barroso de novo mandato

Isabel Arriaga e Cunha, Bruxelas

Uma previsão para os 27 Estados-membros feita por vários investigadores mostra que conservadores e socialistas deverão manter posições relativas

● O PPE, a federação europeia dos partidos conservadores, deverá voltar a ser o maior grupo político do Parlamento Europeu (UE), o que deverá garantir a Durão Barroso uma nomeação folgada para um novo mandato de presidente da Comissão Europeia.

Este é o último prognóstico do Eu-Predict, um modelo estatístico concebido por três cientistas de renome da London School of Economics and Political Science e do Trinity College de Dublin expressamente para estas eleições europeias.

Segundo esta sondagem, e num PE que terá o número total dos seus membros reduzido de 785 para 736, o PPE deverá obter 262 lugares (contra 288 no PE cessante). Os socialistas do PSE manter-se-ão o segundo maior grupo, mas descerão dos 217 actuais para 194. Apesar da queda, os dois grupos conservarão sensivelmente a mesma posição relativa que tinham na última legislatura.

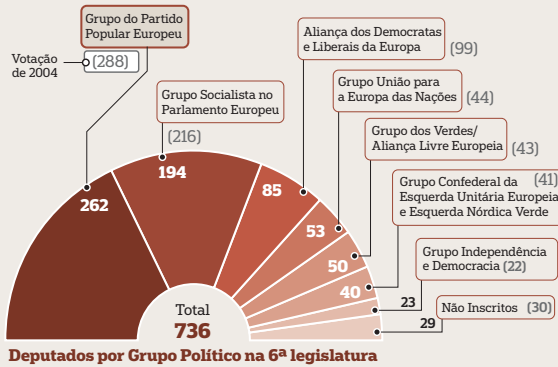
A grande novidade desta sondagem é que mesmo com a saída anunciada de perto de 60 deputados conservadores - britânicos, polacos (PiS) e checos (ODS) para um novo grupo "antifederalista" - o PPE continuará a ser o maior grupo parlamentar.

Os liberais do ALDE permanecerão a terceira formação política com 88 deputados. Os soberanistas do grupo UEN, com 53 deputados, os Verdes com 50, e os eurocépticos do INDEM, com 23, são os únicos que terão mais membros na próxima legislatura do que na cessante. Os comunistas da GUE terão 40 membros (menos 1).

A sondagem aponta para uma relativa estabilidade dos partidos políticos numa maioria de países, embora com uma ligeira penalização de alguns dos partidos no poder. O caso mais flagrante é o partido democrata-cristão alemão CDU da chanceler, Angela Merkel, que desce de 40 para

## Eleições para o Parlamento Europeu

Previsões apontam para vitória do PPE e subida dos Verdes e do grupo soberanista de direita



FONTE: eupredict09

PETRAS MALUKAS/AFP



Propaganda eleitoral numa rua de Vilnius, na Lituânia

33 deputados - apesar de ser um dos poucos países que mantém o mesmo número de deputados nas duas legislaturas. Ao invés, os socialistas do SPD, seu parceiro na coligação federal mas adversário nas eleições legislativas de Setembro, deverão progredir de 23 para 27 deputados.

Em Espanha (que perde 4 deputados) o PSOE de José Luis Rodriguez Zapatero passa de 24 para 20 eleitos. Só que o seu principal adversário, o Partido Popular, embora progrida muito ligeiramente em número de votos, terá o número de deputados igualmente reduzido de 24 para 20.

O Reino Unido (que perde 6 deputados) tem uma evolução de certo modo comparável: o Labour de Gordon Brown é penalizado com a perda de 4 deputados, passando de 19 para 15, mas os conservadores - que já tinham sido os mais votados há cinco anos - perdem 3, passando de 27 para 24. Curiosamente, a sondagem contraria a subida anunciada do partido eurocéptico UKIP, que passa de 12 para 10 eleitos.

Em França (menos 6 deputados) que ocorre a maior correcção de todas, embora o grande derrotado seja o Partido Socialista na oposição, que perde mais de metade dos deputados de 2004, passando de 31 para 15. A UMP do presidente Nicolas Sarkozy será um dos grandes beneficiados, subindo de 17 para 25 eleitos. Os outros serão o recém-criado Novo Partido Anticapitalista (NPA), da extrema-esquerda, que deverá entrar no PE com 6 deputados, o Partido Comunista Francês, que progride de 3 para 5 deputados, e os Verdes, que sobem de 6 para 7. Em contrapartida, o partido de extrema-direita Front National perde 4 dos seus actuais 7 deputados.

Outra correcção importante ocorrerá em Itália (menos 6 deputados), com uma polarização crescente da vida política: o partido Il Popolo della Libertà do primeiro-ministro, Silvio Berlusconi, deverá ganhar 6 deputados - passando para um total de 31. O principal partido da oposição, o Partido Democratico, terá muito menos votos mas subirá outros seis deputados, para 20. A eurocéptica Lega Nord duplica os seus eleitos para 8, e os centristas crescem de 2 para 8 deputados.



Socialistas chegarão aos 36%

## Portugal

### PS com mais votos mas vai perder três eurodeputados

Sofia Rodrigues

● Em Portugal, o EuPredict prevê a vitória do PS com 36 por cento dos votos e nove deputados, embora perca três lugares face a 2004. Pelo contrário, o PSD elege mais um (num total de oito), obtendo 33 por cento dos votos.

A maior subida é protagonizada pelo Bloco de Esquerda, que consegue quase mais quatro pontos percentuais (8,8 face aos 4,9 de 2004). Com esta percentagem, o partido liderado por Francisco Louça elege o cabeça de lista, Miguel Portas (actual eurodeputado), e a número dois da candidatura, Marisa Matias.

A CDU, a coligação do PCP e do Partido Ecologista Os Verdes, mantém a mesma votação e o mesmo número de deputados (2), segundo o estudo.

O CDS-PP só consegue elege o cabeça de lista, Nuno Melo, perdendo um dos seus eurodeputados. Em 2004, o CDS concorreu em coligação com o PSD, o que não acontece nestas europeias de 2009.

O estudo, que só abrange os cinco partidos com assento parlamentar, considera as eleições do próximo domingo como a primeira volta das legislativas previstas para o Outono.

## Indícios em fim de campanha

Alguns casos de candidatos a vencedores e vencidos na noite de domingo



A chanceler alemã, **Angela Merkel**, não escapa à tendência dos eleitores para castigar os partidos no poder, notória em países como o Reino Unido ou a Espanha, entre outros. A CDU perde 5,5 por cento dos votos (e sete deputados) em relação a 2004. Os sociais-democratas, parceiros de Governo dos democratas-cristãos, sobem 2,5 pontos percentuais.



A UMP do Presidente francês, **Nicolas Sarkozy**, não vai pagar o preço de estar no poder. Pelo contrário: as previsões da EuPredict apontam para uma subida de oito deputados, enquanto os socialistas, na oposição, perdem 16. O Modem, de François Bayrou, deverá bater os Verdes na corrida para o terceiro lugar e sobe em percentagem de votos.



Em Itália, a palavra escândalo não rima com resultados eleitorais e **Silvio Berlusconi** está a caminho de reforçar a sua votação em relação a 2004. A fusão da sua Forza Italia e da Alianza Nacional de Gianfranco Fini, no Povo das Liberdades, permitiu a Cavaliere distanciar-se da esquerda, que derrotou à tangente há quatro anos.



Numa eleição que poderá ficar marcada pela subida dos partidos nas franjas do espectro político, **Daniel Cohn-Bendit** está entre os que deverá poder falar em vitória no dia 7. A aposta numa lista europeia ecologista poderá traduzir-se numa subida de sete lugares no hemiciclo europeu, onde continuará a ser a quinta força política.



Apostados numa aproximação aos PPE, que poderá sair da eleição enfraquecidos pela saída dos conservadores britânicos e de outros partidos, a aliança liberal, dirigida por **Graham Watson**, acompanha os dois grandes partidos do centro e poderá perder 12 lugares em Bruxelas. A crise não parece estar a ser uma oportunidade para o ALDE.



## Holanda votou ontem

# Partido de extrema-direita foi o segundo mais votado

● Uma formação de extrema-direita, o Partido para a Liberdade do Povo Holandês (PVV), foi ontem o segundo mais votado nas eleições para o Parlamento Europeu na Holanda, marcadas por uma abstenção alta e por uma forte penalização dos partidos no Governo.

O PVV, dirigido pelo deputado Geert de Wilders, obteve 15,3 por cento dos votos, de acordo com sondagens à boca das urnas. Ficou apenas a 4,3 pontos do Partido Democrata-Cristão (PDA), do primeiro-ministro Jab Balkenende, que perdeu 4,8 pontos percentuais em relação às eleições europeias de 2004. Os trabalhistas, no poder com os democratas-cristãos, perderam quase dez pontos e ficaram com apenas 13,9 por cento dos votos, atrás do PVV.

Geert de Wilders, de 45 anos, fez campanha contra a adesão da Turquia à UE, atacando o que considera ser uma "islamização catastrófica" da Europa. Diz pretender "destruir a partir do interior" o Parlamento Europeu, onde vai ter quatro dos 25 deputados eleitos pelos holandeses.

O deputado, que não esconde as suas ambições de ser primeiro-ministro, realizou um filme de 17 minutos divulgado em Março denominado *Fitna*, onde comparava o Corão ao *Mein Kampf* de Hitler e falava no carácter "fascista" do livro sagrado do islão. O filme foi proibido pelo Governo holandês, receoso de uma repetição do escândalo das caricaturas de Maomé, na Dinamarca, e só foi visto na Internet.

Fundado em 2006, o PVV nunca tinha participado em eleições para o Parlamento Europeu e, de acordo com várias sondagens, poderá vir a

ser o partido mais votado nas próximas legislativas na Holanda, previstas para 2011. Algumas sondagens das últimas semanas davam o partido como potencial vencedor da eleição de ontem.

Nas eleições legislativas de 2006, foi o quinto partido mais votado, com seis por cento dos votos e nove deputados em 150.

"Quanto maiores formos, mais influência teremos e mais difícil será para os outros partidos excluirermos de uma coligação de Governo", disse Wilders, que é perseguido pela justiça por incitamento ao ódio e à discriminação.

As eleições ficaram ainda marcadas por uma forte abstenção, na ordem

15,3  
foi a percentagem de votos obtida pelo PVV, de Geert de Wilders, autor do filme *Fitna*, que compara o Corão ao fascismo

dos 40 por cento, ligeiramente inferior à registada em 2004. Os baixos índices de participação são considerados uma circunstância favorável para o crescimento dos partidos de extrema-direita e antieuropeus, nomeadamente na Áustria, no Leste europeu ou mesmo no Reino Unido.

A Holanda e o Reino Unido elegeram ontem os seus deputados ao Parlamento Europeu, mas os resultados só foram divulgados no primeiro destes países, violando uma determinação da União Europeia no sentido de o desfecho de todos os actos eleitorais só ser divulgado no domingo. A comissão não especificou se a Holanda será punida por esta infração.



## Campanha na Europa **Candidatos insólitos em busca de um lugar em Bruxelas**

### O deputado

Hans-Gert Pottering, o recordista

Actual presidente do PE, cargo que abandona na próxima legislatura, Hans-Gert Pottering, alemão nascido em 1945, é um deputado mediano que é sobretudo conhecido pelo recorde de longevidade na instituição: é o único dos deputados eleitos nas primeiras eleições directas, em 1979, que se manteve sem interrupção no PE, e que volta a candidatar-se este ano. Membro da CDU, é

gado como um dos próximos da chanceler Angela Merkel. Foi presidente do PPE, o grupo parlamentar conservador/democrata-cristão, entre 1999 e 2007. Recentemente, "forçou a mão" ao PE ao exigir, sem mandato para tal, que os eurodeputados elejam o próximo presidente da Comissão Europeia a 15 de Julho, o que obriga os líderes da UE a nomeá-lo na próxima cimeira europeia de 18 e 19 de Junho. Um calendário que favorece o seu amigo Durão Barroso.



## A bailarina, o padre e o príncipe, o outro lado de uma campanha

Figuras invulgares e de espírito independente, quando têm espírito, marcam as eleições europeias em vários países

● Uma antiga candidata a Miss Itália, um padre ortodoxo finlandês, um príncipe que participa em concursos televisivos, um escritor que quer criar cidades-Estado na dividida ilha de Chipre, um antigo jornalista austríaco que lidera uma lista em nome próprio são alguns exemplos de personalidades controversas que se candidatam a estas eleições europeias.

Barbara Matera, 27 anos, *showgirl* e antiga finalista do concurso Miss Itália, é uma das estrelas de televisão que Silvio Berlusconi convidou para integrar as listas do Povo da Liberdade, cuja função é "entretar o Imperador", nas palavras da mulher do primeiro-ministro, Veronica Lario, que pediu o divórcio no início do mês de Maio. O seu coração foi sempre dominado por duas paixões: a fé no padre Pipo (considerado um santo milagreiro em

Itália) e o sonho de vir a ser dançarina, confidenciou ao *Corriere della Sera*.

O padre ortodoxo finlandês Mito Repo, 51 anos, não tem fama de milagreiro, mas teve de despir o hábito para se candidatar e sem hábito continuará no caso de ser eleito pelos sociais-democratas. Os bispos deste país escandinavo não brincam em serviço e invocaram um cânone do século V para impor a sua decisão: "A Igreja vê-se como universal e intemporal e não idealiza nenhum momento histórico ou movimento político."

Pouco canónico é certamente Costas Kyriakou, escritor e agricultor de 51 anos que tem uma solução para resolver o problema da divisão política de Chipre: criar cidades-Estado na ilha, às quais chama Utopias. Candidato independente, já falhou por duas vezes a eleição para o Parlamento cipriota. É adepto de estilos de vida saudáveis, sem restrição do número de parceiros sexuais.

Esquisito com as parcerias é Hans-Peter Martin, um ex-jornalista austríaco que chegou ao Parlamento Europeu pela primeira vez em 1999, pela mão dos sociais-democratas. Zangou-

se, denunciou as despesas excessivas dos seus colegas eurodeputados e em 2004 candidatou-se à frente de uma lista em seu próprio nome. Foi a terceira formação mais votada (14 por cento). Este deverá descer para a quarta posição, por causa da subida da extrema-direita do FPÖ.

Esta lista dos candidatos insólitos estende-se à aristocracia e inclui o neto do último rei de Itália, Emanuele Filiberto de Sabóia. Mas como não podia deixar de ser na Itália moderna, está ligado à televisão e venceu o concurso Dançando com as Estrelas, empstando um toque aristocrático a um popular concurso televisivo, com objectivos eleitorais confessos. "Participei em Dançando com as Estrelas para passar a ser conhecido pelos italianos", disse o príncipe, que é apoiado pelos democratas-cristãos.

Mais a leste, na Bulgária dominam os reis dos escândalos futebolísticos. Alexander Tomov, ex-presidente do CSKA, e Ivailo Drazhev, que dirigiu o Chernomorets, candidatam-se para conseguir a imunidade parlamentar e escapar à justiça. **PÚBLICO/Reuters**

### Acontece no PE

483 textos votados em co-decisão



O Parlamento Europeu votou 483 textos em co-decisão com o Conselho de Ministros da UE no mandato de 2004-2009. Destes, 351 foram votados em primeira leitura, 110 em segunda e 22 depois de processo de conciliação. Já em sede de consulta, o PE foi ouvido votando em 63 textos, e votou ainda 216 decisões orçamentais. Por sua iniciativa, o PE votou ainda 660 relatórios e 593 resoluções (não vinculativas). Assim, foram aprovados 2924 textos nos últimos quatro anos, dos quais 1355 foram documentos legislativos.

### O Parlamento decide

Novas regras para a publicidade televisiva

O Parlamento Europeu introduziu novas regras para a publicidade televisiva. O tempo consagrado a anúncios não deve exceder os 12 minutos por cada hora de emissão, e os filmes

e jornais só podem ser interrompidos uma vez por cada

período de programação de 30 minutos no mínimo. Nos programas infantis as restrições à publicidade introduzidas pelos eurodeputados são mais apertadas: cada programa só pode ser interrompido caso a sua duração prevista seja superior a meia hora.

### Calendário

Maratona eleitoral vai no segundo dia

2

Estados-membros, Irlanda e República Checa, votam hoje, depois de britânicos e holandeses terem aberto a maratona eleitoral ontem. No caso dos checos a votação prolonga-se até amanhã

4

países, Letónia, Eslováquia, Malta e Chipre, votam sábado. Os italianos votam entre dia 6 e dia 7. Todos os outros votam domingo, dia em que serão conhecidos todos os resultados, com excepção dos da Holanda

## Eleições Britânicas já decidiram futuro político de Gordon Brown



● É em Inglaterra, sim senhor. Mais exactamente na remota aldeia de Biggin, no Norte, onde, como em todo o Reino Unido, ontem se votou, em eleições locais e europeias que são um teste determinante para o futuro

do primeiro-ministro trabalhista, Gordon Brown. Uma votação abaixo dos 20 por cento pode, segundo a imprensa britânica, desencadear uma acção de deputados para substituir o chefe do Governo, cuja equipa foi esta

semana abalada pelo anúncio das saídas das ministras do Interior, Jacqui Smith, e das Comunidades, Hazel Blears. As sondagens apontam para um desaire do Labour, da ordem dos 18 por cento, contra os 22,6 por cento de

2004, quando os conservadores venceram com 26,7 - este ano deverão chegar aos 27,5. O UK Independence Party é terceiro nas sondagens, com 15,5 por cento. O resultado das locais é conhecido já hoje. **J.M.R.**

NICE, RODRIGUEZ/REUTERS



# Extrema-direita ganha força na Holanda

● As eleições europeias arrancaram ontem no Reino Unido e na Holanda e, neste país, as sondagens colocam a extrema-direita em segundo lugar, à frente dos trabalhistas. Em Portugal a

campanha acaba hoje sem que os partidos fossem capazes de descobrir novos meios para mobilizar o eleitorado ou para discutir a Europa. → Destaque, 2 a 8



Editorial José Manuel Fernandes

## Aux votes citoyens! Are you sure?

*Sem uma opinião pública europeia, não será dando mais poderes ao único órgão eleito directamente pelos cidadãos que a tornaremos mais democrática*

**A**s vezes os políticos parecem ter uma irresistível atracção pelo ridículo. Mesmo quando têm a melhor das intenções. Se não acreditam, reparem nesta frase: “Dentro de poucos dias, o mundo assistirá a um dos acontecimentos mais extraordinários de uma democracia política, que envolverá directamente 375 milhões de pessoas de 27 países diferentes. E esse acontecimento terá lugar aqui, na Europa, à porta de sua casa. Refiro-me às eleições para o Parlamento Europeu, o maior exercício de democracia transnacional do mundo.”

Estas palavras vinham ontem na página 38 do PÚBLICO e abriam o artigo assinado pelo presidente da Comissão Europeia, José Manuel Durão Barroso. Dir-se-á: era sua obrigação enfatizar o carácter “extraordinário”, pois tem o dever de levar o maior número de europeus às urnas. Mas não necessitava de exagerar, pois aquilo que já começou a passar-se à porta de nossas casas (ontem votou-se na Holanda e no Reino Unido) está longe de ser entusiasmante e os primeiros resultados conhecidos até são preocupantes.

Na verdade o problema do exagero de Barroso está na ideia de que aquilo que está a decorrer é “o maior exercício de democracia transnacional do mundo”. Friamente, é necessário afirmar: não, não é. Por múltiplas razões que seria fastidioso repetir,

mas sobretudo porque a resposta à pergunta do europeísta e ex-comissário europeu Chris Patten sobre se pode haver um verdadeiro Parlamento Europeu onde os povos da Europa se sintam representados sem um eleitorado europeu é um rotundo “não”.

Aquilo a que assistimos em Portugal nas últimas semanas apenas confirmou o que todos sabíamos mas alguns fingiram poder ignorar: políticos, jornalistas e eleitores falam de tudo, do BPN à qualidade da “rota da carne assada”, dos candidatos para assinar o ponto à qualidade dos nossos vinhos, da resistência física dos candidatos às encenações da Marinha Grande de 1986. Europa? Muito pouco ou quase nada. Aflorou-se e logo se esqueceu o tema de um imposto europeu, falou-se da boa aplicação dos fundos, disse-se que tínhamos de votar para sermos bons europeus.

Nada de realmente importante se passou nesta campanha a não ser que serviu de ensaio geral para as próximas legislativas. Era o que desejavam os partidos, era o que preocupava aqueles com que se foram cruzando nas ruas.

**N**a Europa não foi muito diferente por diferentes motivos, sendo que dos mais importantes é atravessarmos um período em que cada um procura salvar a sua pele e poucos acreditam que a (des)união Europeia possa fazer

mais por cada povo do que cada um tratar da sua vida. Infelizmente, se o cidadão comum pensa assim, os líderes políticos não pensam de forma muito diferente.

Querem um exemplo? Vejam só este contraste em França. No passado fim-de-semana Simone Veil apelou, nas páginas do *Journal de Dimanche*, à importância do voto de forma eloquente: “É preciso votar porque este Parlamento é o único lugar onde a Europa se constrói, na confrontação democrática, em todas as suas diversidades, todas as suas sensibilidades. O que se passa ao nível de chefes de Estado e de Governo é espectacular e importante, mas o que se constrói no Parlamento é a realidade durável da Europa.”

Demasiado voluntarista? Por certo. Até porque ontem quem abrisse o *site* desse jornal ao fim do dia encontraria esta bizarra manchete, relativa à campanha eleitoral: Bayrou acusa Cohn-Bendit de condescendência com a pedofilia. Nem mais, nem menos. E tudo por causa de episódios (muito infelizes é certo) do passado de Dany Le Rouge. O episódio passou-se durante a gravação de um debate que irá hoje para o ar e que, por pudor, até por pudor europeu, se recomenda que ninguém procure ver.

É isto uma manifestação do “maior exercício de democracia transnacional do mundo”? *Please, presidenti José Manuel Barroso...*